



UFOP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
ESCOLA DE MINAS
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO



Ambiências no Patrimônio Habitado: Estudo de caso nos mundéus do bairro São Cristóvão

JULIA GABRIELA FONSECA DE OLIVEIRA

OURO PRETO, MG
2019

Julia Gabriela Fonseca de Oliveira

Ambiências no Patrimônio Habitado: Estudo de caso nos mundéus do
bairro São Cristóvão

Trabalho Final de Graduação
apresentado ao Curso de Arquitetura e
Urbanismo da Universidade Federal de
Ouro Preto, como requisito para a
obtenção do grau de Bacharel(a) em
Arquitetura e Urbanismo.

Orientador(a): Rodrigo da Cunha
Nogueira

Universidade Federal de Ouro Preto

Ouro Preto, MG
2019



ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Em 10 de julho de 2019, reuniu-se a banca examinadora do trabalho apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso Arquitetura e Urbanismo da Escola de Minas da UFOP, intitulado: **AMBIÊNCIAS NO PATRIMÔNIO HABITADO: estudo de caso nos mundéus do bairro São Cristóvão**, do aluno(a) **JULIA GABRIELA FONSECA DE OLIVEIRA**.

Compuseram a banca os professores(as) **RODRIGO DA CUNHA NOGUEIRA, ERIC FERREIRA CREVELS e IVANA COSTA DE AMORIM**. Após a exposição oral, o(a) candidato(a) foi argüido(a) pelos componentes da banca que reuniram-se reservadamente, e decidiram, APROVAR, com a nota 10,0.

Orientador(a)

Avaliador 1

Avaliador 2

Aos meus pais, pelo amor, carinho e apoio de uma vida inteira,
Ao DEARQ e meu orientador Rodrigo, pelos ensinamentos e paciência,
Aos moradores do bairro São Cristóvão, pela cordialidade e receptividade.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal analisar as ambiências dentro das residências que possuem suas estruturas inseridas ou acopladas nos mundéus. Eles são muros de pedra do tipo canga, em formato de caixotes, que eram utilizados para a decantação do ouro na realização do desmonte hidráulico, técnica muito utilizada na exploração mineral na Serra de Ouro Preto durante o século XVIII. Eles são considerados um patrimônio arqueológico mineral, mas carecem de maiores estudos quanto à questão das moradias que atualmente os ocupam, dando enfoque para as relações ambientais estabelecidas pelos moradores. Esta análise utilizará métodos de pesquisa de avaliação pós ocupação, como *Walkthroug*, Observação Incorporada e o Mapa Comportamental de forma que se compreenda melhor os elos e relações criadas dentro deste patrimônio habitado.

Palavras-chave: ambiências, mundéus, habitação, patrimônio, mineração, São Cristóvão.

ABSTRACT

The objective of this work is to analyze the ambiences inside the residences that have their structures inserted or coupled in the mundéus. They are stone walls of *canga* type, in box format, that were used for the decanting of the gold in the accomplishment of the desmonte hidráulico, technique very used in the mineral exploration in the “Serra de Ouro Preto” during XVIII century. They are considered a mineral archaeological heritage, but they lack further studies about the houses that currently occupy them, giving focus to the environmental relations established by the residents. This analysis will use research methods of post-occupation evaluation, such as Walkthrough, Incorporated Observation and Behavioral Map in order to better understand the links and relationships created inside this inhabited heritage.

Key-words: ambiences, Mundéus, habitation, heritage, mining, São Cristóvão.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Paisagem de Ouro Preto.....	10
Imagem 2: Localização da cidade de Ouro Preto.....	12
Imagem 3: Fases de ocupação do bairro.....	13
Imagem 4: Bairro São Cristóvão.....	14
Imagem 5: Mapa do Bairro São Cristóvão.....	14
Imagem 6: Zoneamento do bairro.....	14
Imagem 7: Mundéus no desmonte hidráulico.....	16
Imagem 8: Desmonte Hidráulico.....	16
Imagem 9: Conjuntos de Mundéus no Bairro São Cristóvão.....	17
Imagem 10: Planta baixa - mundéus do conjunto 1.....	17
Imagem 11: Análise da Walkthrough.....	24
Imagem 12: Observação dos setores e padrões de ocupação do pátio da escola de educação infantil da UFRJ.....	25
Imagem 13: Fachada frontal da residência.....	28
Imagem 14: Moradora apresentando as estruturas dos mundéus.....	28
Imagem 15: Cozinha da residência.....	31
Imagem 16: Cozinha da residência.....	31
Imagem 17: Louças secando sob o rodapé construído ao lado do mundéu.....	31
Imagem 18: Oratório localizado na copa da residência.....	31
Imagem 19: Área externa frontal da residência, local de convívio entre os moradores do bairro.....	32
Imagem 20: Moradora sentada na sala da residência.....	32
Imagem 21: Vista do muro a partir da copa da casa.....	33
Imagem 22: Madeiramento do telhado integrado ao muro.....	33
Imagem 23: Objetos incorporados ao mundéu.....	34
Imagem 24: Cobertura superior da residência.....	34
Imagem 25: Acesso para residência piso térreo.....	35
Imagem 26: Acesso para residência piso térreo.....	35
Imagem 27: Alocação das pedras nos muros.....	37
Imagem 28: Acesso para residências posteriores.....	37
Imagem 29: Acúmulo de entulho na lateral do terreno.....	39
Imagem 30: Crescimento de vegetação na parte superior do muro.....	39
Imagem 31: Instalações elétricas presentes no mundéu.....	39
Imagem 32: Caixas d'água e outros elementos acoplados no mundéu.....	39
Imagem 33: Acesso da entrada principal.....	41
Imagem 34: Vista da área de serviço ao muro de divisa de terrenos.....	41
Imagem 35: Animal de estimação da família, denominado Charlie.....	43
Imagem 36: Vista superior do quintal do terreno.....	43
Imagem 37: Muro de pedras utilizado como parte estrutural da casa.....	45
Imagem 38: Muro de pedras.....	45
Imagem 39: Local onde foi removido parte do mundéu.....	45
Imagem 40: Acesso lateral (entrada da área de serviço).....	45

SUMÁRIO

1. Introdução.....	7
1.1 Objetivos e justificativa.....	8
2. Contexto histórico de Ouro Preto.....	10
2.1 O bairro São Cristóvão.....	12
2.2 A exploração mineral na região.....	15
2.3 A questão Patrimonial em Ouro Preto.....	18
3. Ambiências na Habitação.....	21
3.1 Métodos de Pesquisa.....	22
4. Análise das habitações.....	26
4.1 Residência 1 (Anexos I ao IV)	27
4.2 Residência 2 (Anexos V e VI).....	35
4.3 Residência 3 (Anexos VII ao X).....	40
5. Considerações Finais.....	46
6. Referencial bibliográfico.....	49

1. Introdução:

Ouro Preto é uma cidade mundialmente conhecida por ter sido declarada Patrimônio Histórico Mundial pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) nos anos 80, devido ao seu conjunto arquitetônico colonial e sua paisagem montanhosa. Tal conjunto se manteve relativamente preservado devido ao despovoamento da região provocado pela crise aurífera, até que, a ida de arquitetos e artistas modernistas à cidade promoveu o debate sobre a preservação do patrimônio ali encontrado. Assim, em 1933, a cidade foi declarada Patrimônio Nacional, e em 1938 tombada pelo órgão que atualmente é o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Após o tombamento, iniciaram-se obras e estudos relativos ao conjunto arquitetônico colonial, enfatizando-se os casarões, chafarizes e as igrejas do centro histórico.

A ampliação do juízo de valor do patrimônio cultural nacional viria a surgir como pauta dentro das instituições preservacionistas somente na Constituição de 1988, na qual propunha novas diretrizes no campo do patrimônio material e imaterial. Mas ela ainda não se demonstrou eficiente e democrática, já que a tradição e o domínio elitista secular da cidade ainda impedem o desenvolvimento e reconhecimento de algumas heranças, sendo uma delas, a arqueológica. E é essa, na qual a cidade possui um grande arsenal ainda relativamente desconhecido, que é derivada das práticas de exploração mineral ocorrentes na região, realizada exclusivamente pela mão de obra negra e escravizada.

Esta prática deixou na cidade um patrimônio arqueológico remanescente das estruturas de extração mineral, nas quais ainda se encontram presentes no cotidiano de alguns habitantes do bairro São Cristóvão. Dentre estas estruturas, estão os mundéus, que segundo Sobreira (2014), eram antigos muros de pedra, geralmente do tipo canga, que serviam como estocagem do ouro de aluvião trazido através de águas correntes, prática conhecida como “desmonte hidráulico”. Atualmente, eles estão inseridos nas estruturas das habitações de alguns moradores do bairro. O engenheiro civil Eduardo Ferreira Evangelista os registrou e analisou em sua dissertação de mestrado, com o tema “Patrimônio Mineiro na Serra do Veloso em Ouro Preto:

Registro, Análise e Proposição de Circuitos Geoturísticos Interpretativos” havendo também a inventariação, realizada no ano de 2015, no trabalho de conclusão de curso da arquiteta Laura Teixeira, ambos graduados na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

Apesar de apresentar uma função histórica e social, estes bens remanescentes da mineração ainda não possuem o devido reconhecimento patrimonial que os permitam receber incentivos públicos que contribuam para sua preservação e conservação. Historicamente, há uma falta de reconhecimento dos valores patrimoniais das classes desfavorecidas na cidade e uma preservação uníssona dos bens encontrados nela. Os investimentos em relação à conservação e restauração estão alocados na região central e são destinados em quase sua totalidade à preservação de edifícios institucionais, como igrejas e museus. Isso pode ser observado a partir das obras realizadas pelos programas governamentais PAC das cidades históricas ou o Programa Monumenta, nos quais é possível analisar que a destinação dos investimentos privilegiou, em quase sua totalidade, apenas bens institucionais. Toledo (2009), contribui para esta análise, ao dissertar sobre a existência de uma categorização da valorização cultural, que pode ser percebida através de uma memória baseada nos valores da elite, marginalizando assim outras heranças que também possuem seus valores históricos, culturais e sociais.

1.1 Objetivos e justificativa

A partir deste contexto, notou-se a necessidade de reconhecer a forma como este patrimônio arqueológico é utilizado e ambientado por seus habitantes. O objetivo da pesquisa é analisar as relações ambientais subjetivas que os moradores estabelecem dentro das habitações que utilizam os mundéus em parte de sua estrutura, observando as relações comportamentais nos ambientes em que eles se encontram, seus usos, fluxos, a forma como ele é preservado pelos moradores, as relações espaciais e as adaptações realizadas colaborando também com a identificação das necessidades e interesses dos moradores.

Para este fim, são utilizadas metodologias a partir da revisão bibliográfica de teorias sobre o habitar, ambiências e patrimônio contemporâneo. Após isso, será

apresentado o levantamento e análise das edificações através de métodos de pesquisa de avaliação de pós ocupação, como o *walkthrough*, a observação incorporada, e mapas comportamentais, focando nas relações entre moradores e o ambiente habitado.

Justifica-se esta pesquisa a partir da necessidade de obter um material técnico e teórico para que, em caso de ações públicas preservacionistas atuarem no local, não ocorra uma interferência negativa na vida e na relação dos moradores com sua habitação.

2. Contexto histórico de Ouro Preto:

Segundo Vasconcellos (1956), o povoamento de Ouro Preto, Minas Gerais, iniciou-se nos primórdios do século XVII, quando os arraiais de Antônio Dias, Ouro Preto e Padre Faria surgiram nas encostas dos morros, devido à busca pelo ouro demasiadamente presente na região. Pessoas vieram de vários locais do Brasil e de Portugal em busca de riqueza, fazendo com que a região fosse rapidamente ocupada. A intensificação do movimento na região provocou a unificação dos arraiais, elevando-se à categoria de cidade, antigamente denominada Vila Rica.



Imagem 1: Paisagem de Ouro Preto
Fonte: Autorial (2016)

Os primeiros assentamentos de moradores na região, os arraiais, ocorreram em áreas menos acidentadas, como em topos ou em vales mais amplos, onde atualmente é situado o centro histórico e comercial da cidade. Já os processos de exploração mineral, localizavam-se nos arredores desta centralidade, e através dos desmontes e desmatamentos influenciados pela intensa atividade mineradora, provocaram muitas erosões e movimentações de massa, ocasionando na deformação deste terreno. De acordo com a procuradora Angela Silva, professora de direito na Universidade Federal de Ouro Preto:

Nessa região, encontram-se diversas galerias subterrâneas abandonadas depois do declínio da produção do ouro. O número de deslizamentos das encostas e desabamentos de construções é proporcional ao número de galerias subterrâneas existentes. Várias ocorrências de erosão e desabamentos estão associadas ao desmoronamento dessas galerias, onde muitas minas se localizam na área urbana, debaixo de prédios históricos, os riscos de rompimento das estruturas ou mesmo de desabamento são iminentes. (IPHAN. Salvação do patrimônio, Ouro Preto-MG, 2008, pg. 70)

O início do século XIX viria com a crise do ouro e logo em seguida com a mudança da capital da província para Belo Horizonte, fator que provocou o esvaziamento populacional da cidade, devido às questões políticas e econômicas. Tal crise, foi superada somente em 1950, com a retomada de atividades mineradoras pela Alcan e o início de outras atividades industriais, o que provocou o aumento populacional e iniciou as ocupações nas áreas periféricas ao atual centro histórico.

Atualmente, a economia da cidade não é dependente somente da mineração, mas reveza-se também com o setor terciário, como o turismo e as instituições educacionais. A cidade se encontra na região denominada quadrilátero ferrífero, devido à alta exploração do minério de ferro, e situa-se à 60km da capital do estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, e à 800km da capital federativa, Brasília.

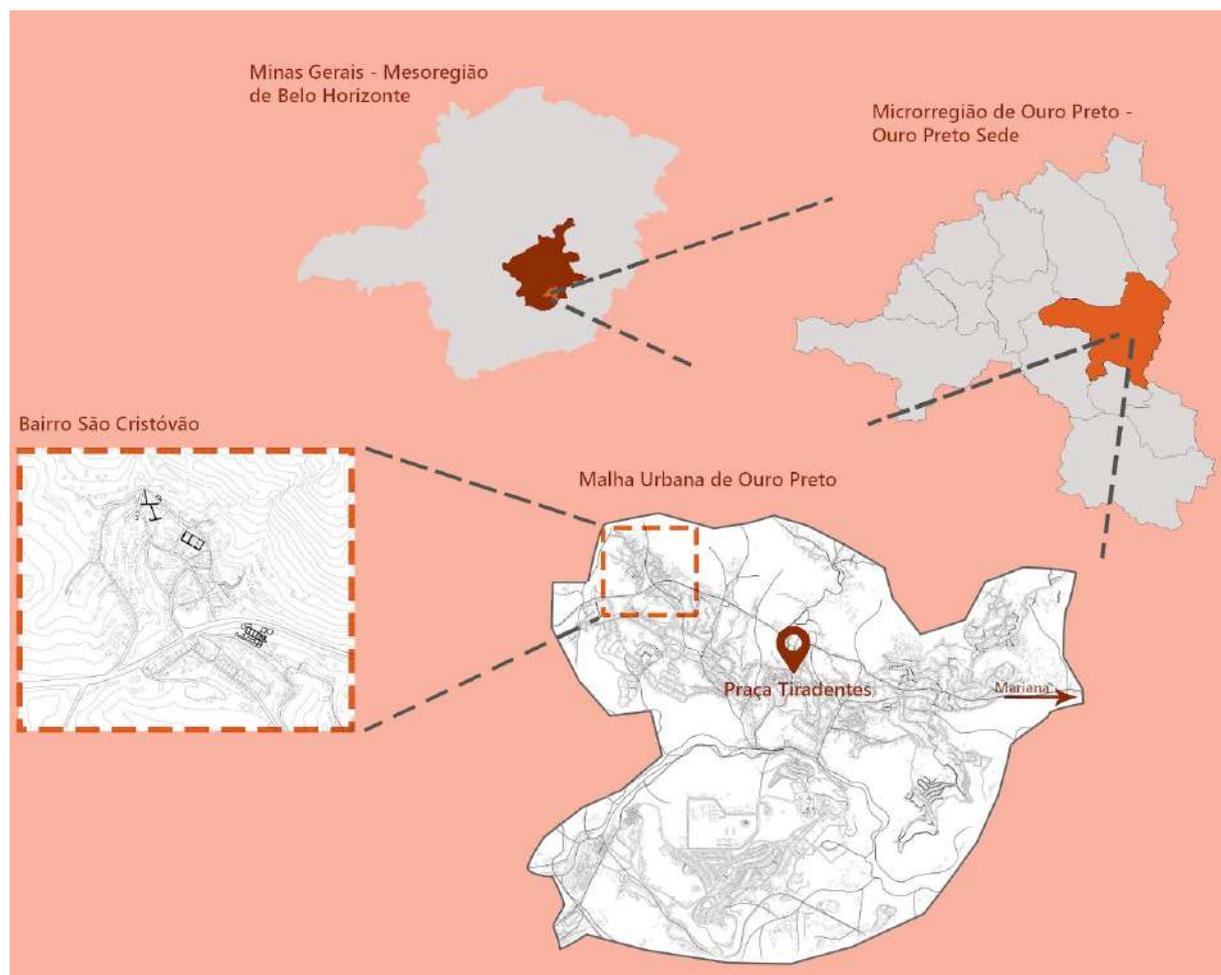


Imagem 2: Localização da cidade de Ouro Preto - Fonte: Mapa Cadastral da cidade modificado

2.1 O bairro São Cristóvão:

O aumento gradativo da população na cidade à partir dos anos 60 e o grande adensamento das áreas já consolidadas, promoveram a expansão das áreas urbanas gerando uma ocupação caótica nos campos circundantes à centralidade, desconsiderando sua topografia e os riscos locais. Muitas destas ocupações, se deram em terrenos onde ocorreram processos de exploração mineral, ignorando-se questões de segurança e modificando as estruturas históricas ali presentes.

Observa-se o início da ocupação urbana do bairro São Cristóvão influenciada pela abertura da rua Padre Rolim, importante via de acesso ao centro histórico, e intensificada na década de 70 com a construção da rodovia que liga Ouro Preto a

Belo Horizonte. A ocupação do bairro pode ser demonstrada em algumas fases, apresentadas na imagem a seguir:

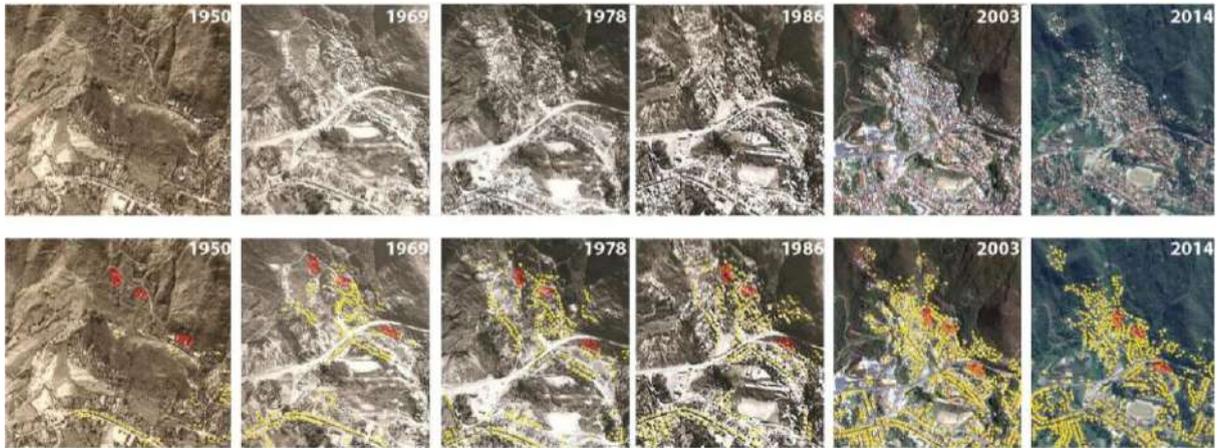


Imagem 3: Fases de ocupação do bairro

Fonte: Acervo do professor Sobreira e Imagens Aéreas do Google Maps

Segundo Sobreira, (2010, pg. 27)

“Esta região foi uma das principais áreas de extração aurífera, com a utilização de várias técnicas, como o desmonte hidráulico e perfuração de galerias subterrâneas. A partir de meados do século XIX, a lavra aurífera, conhecida como Veloso, foi definitivamente abandonada, ficando assim preservados inúmeros remanescentes desta atividade até a década de 1960.”

A partir de então, com a ocupação da área, as estruturas pré existentes remanescentes da exploração mineral sofreram um processo de descaracterização pela população ocupante. Além disso, o bairro também apresenta problemas provocados por sua expansão desordenada, devido às condições geodinâmicas e aos padrões construtivos das edificações, realizados de maneira precária, com falta de recursos ou assessoria técnica.



Imagem 4: Bairro São Cristóvão - Fonte: Autorial (2019)

Imagem 5: Mapa do Bairro São Cristóvão - Fonte: Mapa Cadastral do Município adaptada por Teixeira (2015)

De acordo com a Lei de Uso e Ocupação do Solo de Ouro Preto, o bairro está localizado nas Zonas de Adensamento Restrito, (ZAR-2 e ZAR-3), na Zona de Interesse Social (ZEIS) e uma parcela não urbanizada integrando a Zona de Proteção Ambiental (ZPAM).

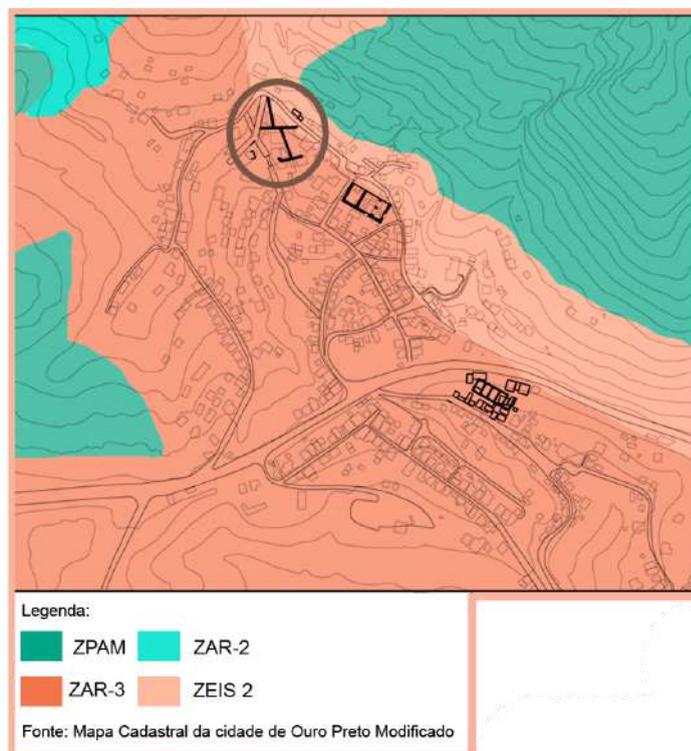


Imagem 6: Zoneamento do bairro

Fonte: Mapa Cadastral de Ouro Preto modificado

Como pode ser visto na Imagem 4, o conjunto 1 (a ser detalhado posteriormente), está localizado na ZAR - 3, na qual de acordo com a Lei Complementar 93: Parcelamento e Uso e Ocupação do Solo de Ouro Preto (2011) compreende à uma área em que o uso e ocupação do solo são controlados, devido à ausência de infraestrutura, como abastecimento de água ou precariedade viária, e também devido às condições geológicas e topográficas. Ainda também, se refere à áreas em que podem interferir sobre o patrimônio cultural e natural, assim como seu entorno, sendo local de potencial interferência na paisagem urbana tombada.

De acordo com a Portaria 312 do IPHAN, de 21 outubro de 2010, o bairro pertence às áreas de preservação AP 01 e AP 04

Área de Preservação AP - 01 - Serra de Ouro Preto Art. 45. A AP 01 compreende as seguintes áreas urbanizadas: Morros de Santana, São João, Piedade, Queimada, São Cristóvão, São Sebastião, São Francisco e Taquaral. Trata-se de área de urbanização antiga, situada em cota elevada, geralmente acima da curva de nível de 1200m, na encosta da Serra de Ouro Preto. É muito presente na visualização desde a AP 01.

Área de Preservação AP - 04 - Regiões de acesso e saída ao SÍTIO TOMBADO de Ouro Preto compreendida pela região de Vila Pereira, Padre Faria, Água Limpa e Taquaral Art. 57. Compreende a região de Vila Pereira, Padre Faria e Taquaral. São áreas espacialmente não contíguas localizadas nas vias históricas de acesso e saída à APE-01. Trata-se de uma área de transição entre o tecido urbano mais preservado da APE 01 e as áreas de encosta visíveis da Serra de Ouro Preto. Possui alguns bens arquitetônicos de valor histórico, bens de valor arqueológico e paisagístico, principalmente.

2. 2 A exploração mineral na região

Foi o descobrimento do ouro nos primórdios do século XVII o fator principal que influenciou o surgimento e o desenvolvimento da cidade de Ouro Preto. Durante o auge da exploração, as atividades mineradoras promoveram alterações morfológicas significantes nos terrenos, já que a extração ocorria em zonas subterrâneas e a céu aberto, nos vales e encostas da Serra de Ouro Preto.

Os processos de extração utilizados na época eram de origem africana e foram trazidos por escravos que já conheciam as técnicas de mineração, como elucidada Reis (2007, citado por FERREIRA, 2017). Um dos processos mais utilizados no início dessas atividades na região foi o de desmonte hidráulico, no qual consistia no jateamento de água sob a superfície do morro, formando-se uma polpa de lama. Essa polpa era conduzida por aquedutos até os mundéus, que eram estruturas de pedras, do tipo canga, em formato de “caixotes”. Eles ficavam nas vertentes dos morros onde a lama era coletada e em seguida, decantada através de rampas com batamentos de panos, couros ou plantas. Dessa forma, o ouro de aluvião era separado dos outros materiais desprezíveis e assim estocado. Este processo, foi um dos principais responsáveis pela descaracterização física na serra de Ouro Preto, agindo de forma agressiva ao ambiente, provocando uma instabilidade nos terrenos, devido aos declives acentuados, aos depósitos de matérias, a falta de vegetação, etc. As estruturas remanescentes deste processo podem ser encontradas descaracterizadas, mas ainda presentes, em bairros como Santana, São Cristóvão, Piedade e Morro da Queimada, apresentando assim um grande acervo arqueológico para a cidade.

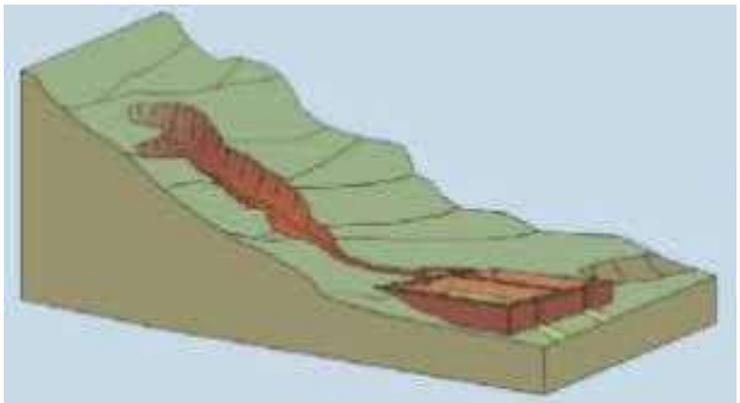
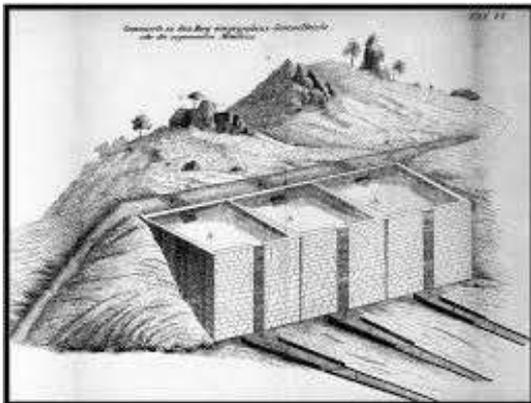


Imagem 7: Mundéus do desmonte hidráulico - Fonte: Eschwege (1833)

Imagem 8: Desmonte Hidráulico - Fonte: Friedrich Ranger (2012)

A arquiteta Teixeira (2015) subdividiu, em seu trabalho final de graduação no qual realizou a inventariação deste acervo, os mundéus encontrados no bairro em três conjuntos. Para o cumprimento dos objetivos deste trabalho, daremos enfoque ao conjunto número 1, como apresentado na figura 6, devido ao seu caráter residencial.

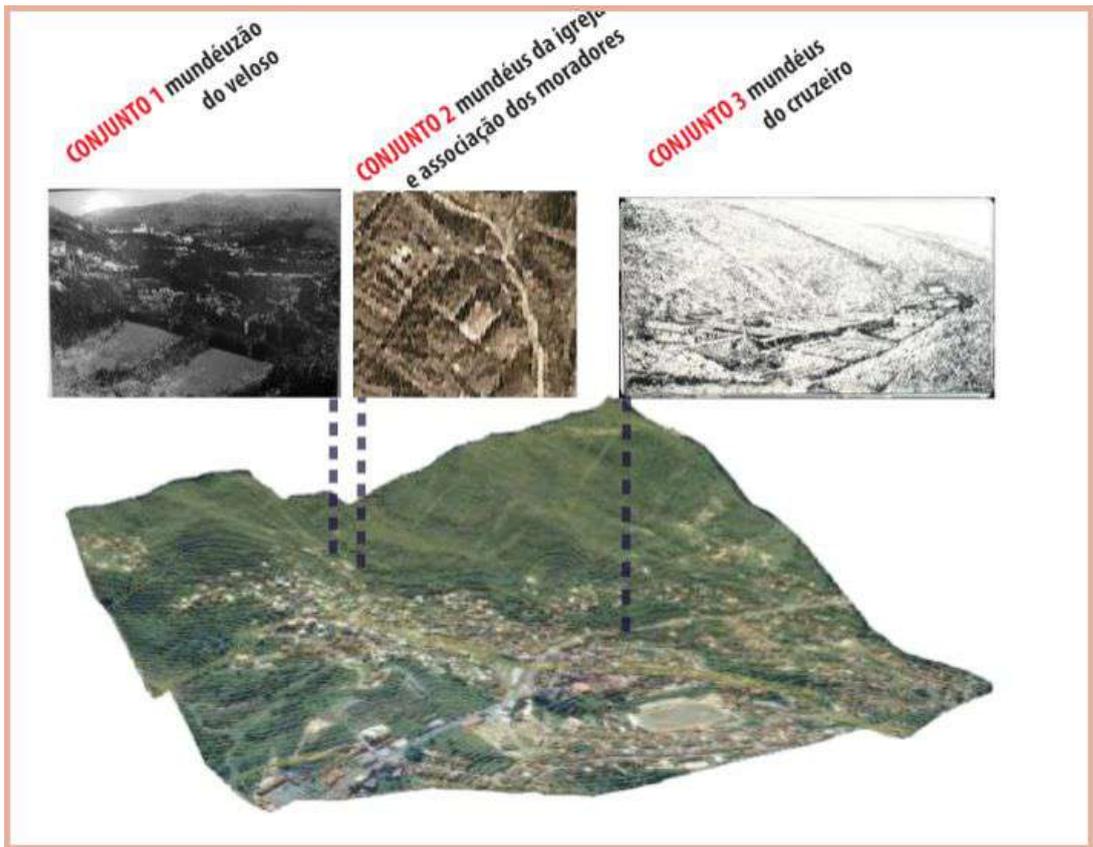


Imagem 9: Conjuntos de Mundéus no Bairro São Cristóvão
 Fonte: Acervo do Prof. Sobreira e do Livro de Paul Ferran adaptadas por TEIXEIRA (2015)



Imagem 10: Planta baixa - mundéus do conjunto 1
 Fonte: Mapa cadastral de Ouro Preto Modificado por Teixeira (2015)

2.3 A questão patrimonial em Ouro Preto

A crise econômica provocada pela escassez do ouro, acarretou no esvaziamento da cidade, estancando seu desenvolvimento e permitindo que seu conjunto arquitetônico colonial se mantivesse relativamente preservado do século XVIII até meados do século XX. Foi quando, nos anos 20, artistas e arquitetos modernistas chegaram à Ouro Preto a fim de pesquisar sobre a arquitetura colonial e contribuir para a valorização do patrimônio nacional.

A lógica do pensamento relativo ao patrimônio quando estes arquitetos iniciaram suas viagens pelas cidades históricas mineiras, mesmo que na busca pela valorização dos bens nacionais, ainda era confinada aos padrões eurocêntricos e aos valores das elites e do clero. Dessa forma, os objetos com valores estéticos utilizados nas pesquisas realizadas eram aqueles que descendiam da cultura lusitana, sendo omitido qualquer juízo de valor àquilo que era derivado da cultura africana, na qual está extremamente presente na cidade devido a presença de negros escravizados nos trabalhos das minas. Assim, o patrimônio afro descendente, como sua religião e seus artefatos, tornaram-se omitidos por muito tempo na história da cidade. Mesmo com a presença e a valorização das obras do arquiteto e escultor Aleijadinho, filho de uma negra escravizada com um português, sua origem e cultura ainda eram omitidas, já que ele executava obras para a elite e a igreja.

Destarte, a cidade passou por um processo de tombamento realizado pelo IPHAN, após ter sido declarada Patrimônio Nacional em 1933, incorporando artefatos, casas, igrejas do atual centro histórico. Em 1980, quando foi declarada Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO, o tombamento incorporou toda sua paisagem, ganhando visibilidade mundial por seu acervo arquitetônico e artístico. Porém, este processo não incorporou o patrimônio mineiro da região, “mesmo sendo o maior exemplar do legado deixado pela mineração aurífera no Brasil colonial” (FERREIRA, 2017, pg. 48).

Observa-se de acordo com o histórico de ações do IPHAN na cidade, uma maior valorização das edificações oficiais e religiosas, e uma exclusão dos bens ligados à mineração e seus derivados. Esta exclusão pode ser comparada a muitas outras culturas que foram omitidas devido ao elitismo no campo patrimonial. Somente

após a Constituição de 88, na qual acrescenta novas diretrizes em relação à preservação cultural, que pode ser notada uma tentativa de democratização do patrimônio nacional, observando-se que:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I - as formas de expressão;
- II - os modos de criar, fazer e viver;
- III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (BRASIL. CONSTITUIÇÃO, 1988).

Apesar destas diretrizes previstas na Constituição de 88, segundo Moassab (2016) em “*O patrimônio arquitetônico no século 21*”, elas ainda não se fazem eficientes. Segundo ela, somente 1% dos bens tombados no Brasil referem-se à memória afrodescendente, sendo 02 quilombos, 06 terreiros, 01 senzala e 01 museu da magia-negra.

Pode-se notar que os programas de financiamento à preservação e restauração de bens na cidade ainda se restringem à obras de prédios públicos e institucionais, ignorando-se o patrimônio arqueológico derivado da mineração e também outras culturas presentes na cidade. Segundo o IPHAN, o PAC (Programa de Aceleração e Crescimento) Cidades Históricas, criado em 2007 pelo governo federal, promoveu o investimento para a restauração de edifícios e espaços públicos, que no caso de Ouro Preto consistiu na restauração de igrejas, capelas e chafarizes. O programa Monumenta, com propostas de melhorias na vida dos habitantes de sítios históricos, através da recuperação sustentável, educação patrimonial, atividades culturais, etc. contribuiu em diversos campos da cidade, porém não houveram ações ligadas à memória e preservação do patrimônio mineral. Os estudos e projetos relativos a este campo estão restritos ao ambiente acadêmico, como por exemplo, os

já realizados pelo professor Frederico Sobreira e o engenheiro Eduardo Ferreira, ambos da Universidade Federal de Ouro Preto.

Logo, nota-se que o patrimônio arqueológico presente na cidade ainda é desvalorizado, mesmo Ouro Preto sendo referência mundial no âmbito preservacionista. São encontrados na região diversos sítios arqueológicos, como por exemplo, o Morro da Queimada, também localizado na Serra de Ouro Preto, no qual é considerado o maior e mais preservado conjunto arqueológico da cidade. Outros bairros em que se encontram resquícios da exploração mineral são Taquaral, Piedade, Lages, etc. O objeto deste estudo localizado no bairro São Cristóvão foi escolhido justamente por sua inserção no meio urbano e sua característica singular de apresentar uma função residencial para os moradores do bairro.

3. As ambiências na habitação

Para a compreensão das relações ambientais humanas dentro de sua habitação, considera-se a partir de diversos fatores que o espaço habitado é um campo dinâmico. Como esclarece Fisher (1992) em seu livro *Psicologia Social do Ambiente*, a apropriação do espaço existe através das relações sociais que são estabelecidas em seu interior por determinados grupos. Para ele, “o ambiente humano é social na sua própria estrutura, porque é o produto de intervenções que determinam o espaço no qual estamos como ambiente moldado culturalmente.” (FISHER, 1992, pg. 65). Dessa forma é visto que o ambiente reflete uma imagem da nossa cultura, e apesar de ser exterior ao indivíduo, “o espaço só existe por aquilo que o ocupa” (MOLES, 1977 citado por FISHER, 1992, pg.17). Segundo ele:

Habitar um espaço define uma relação essencial do ser humano com o território estabelecer nele a sua casa. É a ideia de casa, de morada, de alojamento, de apartamento, que traduz as suas diversas formas, em contrapartida, não ter casa sua é a própria imagem da indigência e do desenraizamento. (FISCHER,1992, pg.119)

Ainda em *Psicologia Social do Ambiente*, Fisher elucida que assim como o espaço modela o indivíduo, o indivíduo faz o mesmo e modela o espaço. Nota-se então a necessidade humana em transformar e personalizar sua habitação, ação que pode gerar conflitos entre os residentes de habitações tombadas e instituições de proteção patrimonial. Porém não se pode omitir o fato de que o espaço só existe quando se é vivenciado, seja ele para habitar, encontrar ou somente ser um local de lembranças, mas desde que se evidencie a necessidade de manter seus significados e sua função social.

Para Duarte (2011), o conceito de ambiência está mais próximo do campo empírico do que do campo teórico. Ela se refere, à uma interpretação subjetiva da experiência do usuário, buscando as relações nos aspectos sensíveis e dinâmicos dos espaços. Essa interpretação pode ser feita através de características sensíveis (sons, cheiros, iluminação), socioculturais (costumes, crenças) e físicos (a movimentação das pessoas, o suporte espacial).

Para refletir sobre tipos de experiência, percepção e ação em determinados ambientes, Duarte (2011) antepõe que a ambiência deve se referir ao "como" da ação e não ao "quê" da atividade destes usuários. Deste modo, ela aponta que a construção de metodologias de pesquisa nesta área deve ser abordada de forma participativa e cognitiva, conectando os observadores aos sujeitos e as subjetividades inseridos no ambiente.

3.1 Métodos de pesquisa

Segundo Elali e Pinheiro (2016), pesquisar os elementos físicos presentes em uma residência colabora com a valorização das necessidades e interesses de seus habitantes. Para Sommer (1973), as pessoas podem se adaptar à esses ambientes desenvolvendo uma visão menos crítica em relação à suas qualidades. Assim, cabe ao pesquisador analisar possíveis demandas para a análise das edificações, utilizando de estratégias metodológicas como meio de entendimento das relações entre pessoa e ambiente.

A pesquisa pode envolver os aspectos construtivos, o modo de vida dos usuários e o tipo de relação que os moradores mantêm com o ambiente. Para isso, é necessário entender os aspectos culturais internos e externos aos habitantes, como por exemplo, as fases de vida de cada morador, as vivências na comunidade, as condições geológicas e atmosféricas. Para Elali e Pinheiro (2016) deve-se observar também as relações afetivas e as formas de apropriação dos moradores, assim como o elo criado entre a pessoa e o ambiente. Segundo eles, é na habitação onde mais se estudam estes elos, isto devido ao tempo de permanência do morador no local.

Ao realizar a pesquisa, deve-se ponderar questões de valores humanos, propostas por Hershberger (1999, citado por Kowaltowski et al, 2013). São elas: adequação funcional, social, física, fisiológica e psicológica dos objetos de estudo. Porém, é preciso considerar que "a realidade do observador/pesquisador é apenas uma dentre as diversas narrativas não lineares que, entrelaçadas, configuram uma aproximação relativamente fiel da dinâmica complexa daquele coletivo ou rede sociotécnica." (RHEINGANTZ e RIBEIRO, 2013, pg. 59).

Logo, analisando os objetivos da proposta, as justificativas e as respostas procuradas, traçou-se no início dos estudos, as ferramentas que seriam adotados nesta pesquisa. Elas são derivados do material elaborado por Simone Barbosa Villa e Sheila Walbe Ornstein no qual reúne vários autores que expõem teorias e técnicas para a realização de avaliação pós-ocupação. São eles o Walkthrough, a Observação Incorporada e o Mapeamento Comportamental.

- *Walkthrough*

Segundo Turpin-Brooks e Viccars (2006 citado por Kowaltowski 2013), trata-se de um método simples, em que o pesquisador faz um percurso com o usuário, enquanto trocam informações subjetivas e perceptivas sobre o ambiente. Criado por Kevin Lynch em 1960, o método possibilita analisar os pontos negativos e positivos dos ambientes, identificando, descrevendo e hierarquizando seus aspectos e usos. Para registro, pode-se utilizar materiais como fotografias, croquis, vídeos, etc.

De acordo com Rheingantz et al. (2009), uma das limitações da Walkthrough é o fato de a demanda da pesquisa surgir do próprio pesquisador, e não dos usuários, nos quais disponibilizam o ambiente, mas podem não se envolver diretamente na pesquisa. Outra limitação pode ser a dificuldade de acesso do pesquisador ao local, ou então a abertura da população em atender às demandas da pesquisa.

Para Rheingantz (2009), o pesquisador pode tomar duas posturas na determinação do método, sendo elas, a clássica, na qual existe um distanciamento crítico entre o observador e o ambiente, e a experiencial, na qual o observador toma nota de suas próprias emoções e reações com o ambiente. Para o cumprimento dos objetivos deste estudo, foi selecionado adotar a postura experiencial, de forma que não fosse deixada nenhuma sensação e emoção alheia à pesquisa.

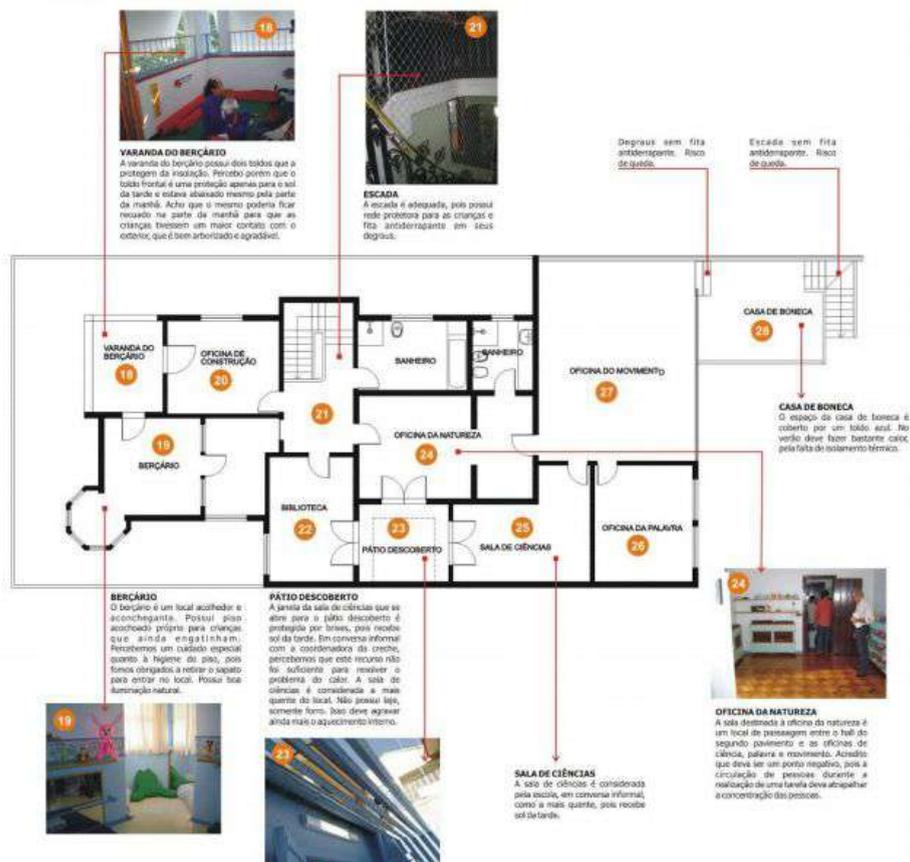


Imagem 11: Análise da Walkthrough - Síntese das observações - Creche no Rio de Janeiro. Fonte: Santos et al (2005)

- **Mapeamento Comportamental**

Rheingantz (2009) elucida que os mapas comportamentais são muito úteis para identificar os usos, arranjos, layouts, fluxos e as relações espaciais observadas pelo pesquisador. Eles atendem ao objetivo de ilustrar de forma empírica os indivíduos nos espaços, bem como seu tempo de permanência, os percursos, comportamentos e atitudes, e também sintetizar o registro de atividades em determinado ambiente.

Segundo Sommer e Sommer (1997) os mapas comportamentais podem ser divididos em: centrados nos lugares e centrados nos indivíduos. Considera-se de acordo com os objetivos desta pesquisa, o primeiro método, em que (SOMMER; SOMMER, 1997 citado por RHEINGANTZ, 2009, pg.36) menciona:

“Nos mapas centrados nos lugares, os observadores ficam parados em um ou mais pontos estratégicos - com boa visibilidade geral e que interfira minimamente no movimento e uso normal do ambiente - registrando em desenhos pré-elaborados do local, (normalmente plantas baixas) todos os movimentos e ações que nele ocorrem.”

Há diversas formas de realizar estes registros, como através de observação direta e registro em diagramas, fotografias ou gravação de vídeo.

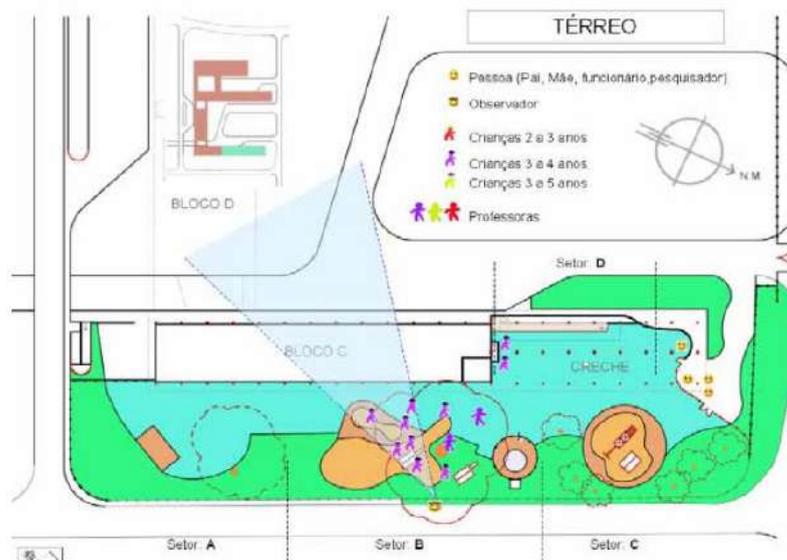


Imagem 12: Observação dos setores e padrões de ocupação do pátio da escola de educação infantil da UFRJ - Fonte: Silva e Quispe (2008)

- **Observação Incorporada**

A concepção da Observação Incorporada foi criada partir do interesse de Rheingantz (1995) pelos pesquisadores que buscavam sanar o objetivismo da realidade nos resultados das avaliações ambientais. Nesta observação são consideradas as relações pesquisador-ambiente, possibilitando compreender pontos que a postura neutra e racional não captam.

É considerada então uma abordagem experiencial, em que o ambiente não deve ser visto como pré definido, mas sim, entendido através da interação e da experiência. Assim, o observador deve se libertar do seu saber-fazer tradicional, considerando “a imprevisibilidade ao invés do determinismo, a desordem ao invés da

ordem, a evolução e a irreversibilidade em lugar da reversibilidade, a criatividade e o acidente em vez da necessidade.” (Prigogine e Stengers, 1992 citado por RHEINGANTZ et al, 2009).

4. Análise das habitações

Notou-se, a partir do contexto em que se encontram os mundéus e das teorias analisadas, que para entender as necessidades dos habitantes deveria ser analisada “a maneira como esse espaço é vivido e interiorizado pelo indivíduo que nele vive todos os dias” (FISHER, pg.125), ou seja, as relações estabelecidas pelos moradores com os ambientes. Assim, a intenção durante o diagnóstico da ocupação dos mundéus do São Cristóvão foi, não somente fazer uma análise do contexto histórico e sociocultural, mas também retratar as relações táteis, visuais, afetivas e sociais dos moradores com o local.

Vale destacar que houveram métodos que inicialmente seriam utilizados, porém não se obteve uma boa recepção por parte dos moradores, como foi o caso do Mapeamento Visual. Além disso, ressalta-se que o primeiro contato com os moradores foi realizado com caráter livre e exploratório, de forma que eles tivessem a liberdade para guiar o pesquisador. Após este primeiro contato foi realizado o levantamento da residência para a aplicação do mapeamento comportamental e em seguida uma entrevista semiestruturada com o *walkthrough*.

As seguintes análises foram realizadas seguindo os métodos apresentados anteriormente e todas sob o consentimento dos moradores (vide anexo). As residências foram indicadas por Eduardo Evangelista, no qual já havia realizado alguns levantamentos prévios na área em sua dissertação. Também foi levado em conta para a escolha das residências a serem analisadas, a cordialidade dos moradores em relação à pesquisa. Ainda assim, as seguintes análises possuem níveis de aprofundamento diferentes, devido à disponibilidade e exposição transmitida por cada morador.

4.1 Residência 1 :



Maria Aparecida Costa (dona Pinha); 79 anos; Aposentada:

- Breve histórico da moradora no local:

Segundo dona Pinha, a ocupação do local de sua atual residência ocorreu a partir de uma oportunidade surgida há 56 anos. Seu marido (atualmente falecido) trabalhava em uma empresa de fabricação de tintas minerais, localizada na Serra do Veloso (atual bairro São Cristóvão) na qual foi decretada a falência. Assim, a área pertencente à empresa ficou vaga, quando um dos engenheiros responsáveis, colega de seu marido, permitiu que os ex-funcionários ocupassem os terrenos pertencentes.

Ela conta, que assim que ocuparam o terreno, eles iniciaram a construção de uma casa de quatro cômodos à base de tijolos crus, confeccionados por eles próprios, e uma cobertura de latão. Inicialmente ela abrigaria o casal e seus quatro primeiros filhos, e logo em seguida, tiveram mais oito filhos, e conforme as condições financeiras progrediram, o casal foi adaptando a casa para que melhor atendesse às suas necessidades. À medida que seus filhos tornaram-se adultos, eles ocuparam os terrenos circundantes ao de sua mãe para a construção de suas casas, nas quais criaram ali seus próprios núcleos familiares. Atualmente, somente sete de seus doze filhos são vivos, sendo que dois deles moram na mesma residência que ela, outros quatro moram nas casas circundantes e somente uma filha mora em outro bairro externo ao São Cristóvão.



Imagem 13: Fachada frontal da residência

Imagem 14: Moradora apresentando as estruturas dos mundéus

- **Relação com o Patrimônio**

Dona Pinha diz, que quando houve a ocupação daquelas terras na Serra do Veloso, um funcionário da empresa na qual seu marido trabalhava os restringiu de destruírem os “muros de pedras” ali presentes. Até então, ela não sabia o que era aquilo, mas ela acredita que o homem já reconhecia o valor histórico que eles teriam futuramente. Somente há cerca de três anos, estudantes e pesquisadores vinculados à UFOP começaram a procurá-la para tomar conhecimento sobre a história, a localização e os usos dos mundéus. Diz ela, que a procura se intensificou após a abertura da Mina Du Veloso, pertencente à Eduardo Ferreira, pesquisador que identificou em sua dissertação de mestrado o patrimônio mineral da Serra do Veloso. Ela conta que o terreno onde está localizado a Mina foi ocupado na mesma época que o seu, e que antigamente havia uma mina de água potável, na qual ela e outros moradores utilizavam a água, porém a intensificação do adensamento no bairro a tornou poluída.

Segundo dona Pinha, atualmente ela reconhece a importância de ter mantido os muros, pois agora ela “está famosa” e muitas pessoas estão à sua procura. Porém, a busca se resume somente à pesquisadores universitários, já que segundo ela, até os dias atuais (maio de 2019), não houve procura por outros órgãos e instituições, como o IPHAN ou a prefeitura municipal, podendo ser visto o descaso quanto ao

acervo arqueológico presente. Percebe-se que mesmo ela não tendo conhecimento sobre a antiga funcionalidade destes “muros”, atualmente ela compreende o valor histórico que eles possuem. Porém, apesar do cuidado que aparenta ter, nota-se uma escassez de instruções e informações em relação a preservação deste bem patrimonial.

- **Ambiências na Habitação:**

Quando questionada sobre suas percepções em relação ao mundéu localizado na sua casa, dona Pinha se demonstra indiferente. Ela o considera uma estrutura como outra qualquer, porém na qual ela não poderia “mexer”, mas não nega que atualmente valoriza sua importância devido às pessoas a procurarem para as pesquisas. Ela comenta que ele não atrapalhou durante a construção da sua casa, e que ainda não a atrapalha estruturalmente, podendo ser visto através do grande aproveitamento que se tem de sua estrutura, seja para apoiar as caixas d’água, os caibros da cobertura, utilizar o rodapé construído à sua margem para secar as louças, etc.

Quanto aos aspectos negativos, ela comenta o fato de ele contribuir muito para a alta umidade e baixa temperatura da casa, podendo ser notado pela quantidade de lodo presente nas pedras. Assim, ao decorrer do tempo, ela desenvolveu uma bronquite crônica, que não se sabe ao certo se possui relação direta com a presença do muro, porém sabe-se que ele pode ter sido um grande fator influenciador.

Apesar dos comentários da moradora demonstrando sua indiferença em relação ao muro, percebeu-se através das visitas e entrevistas, que o espaço onde ele está localizado possui alto fluxo e permanência de moradores e visitantes como pode ser visto nos Mapas Comportamentais (Anexo III e IV). Tal fato pode ser em decorrência da iluminação e temperatura que o ambiente possui. O local apresenta uma iluminação natural derivada de telhas transparentes que compõem a cobertura do espaço e também uma temperatura amena que o muro favorece nos dias quentes, criando uma sensação de aconchego no ambiente. (vale considerar que as visitas

ocorreram durante os meses de fevereiro à maio, quando as temperaturas da cidade de Ouro Preto são mais elevadas).



Imagem 15 e 16: Cozinha da residência, ambiente em que parte do mundéu está exposto, sendo uma das paredes estruturais.

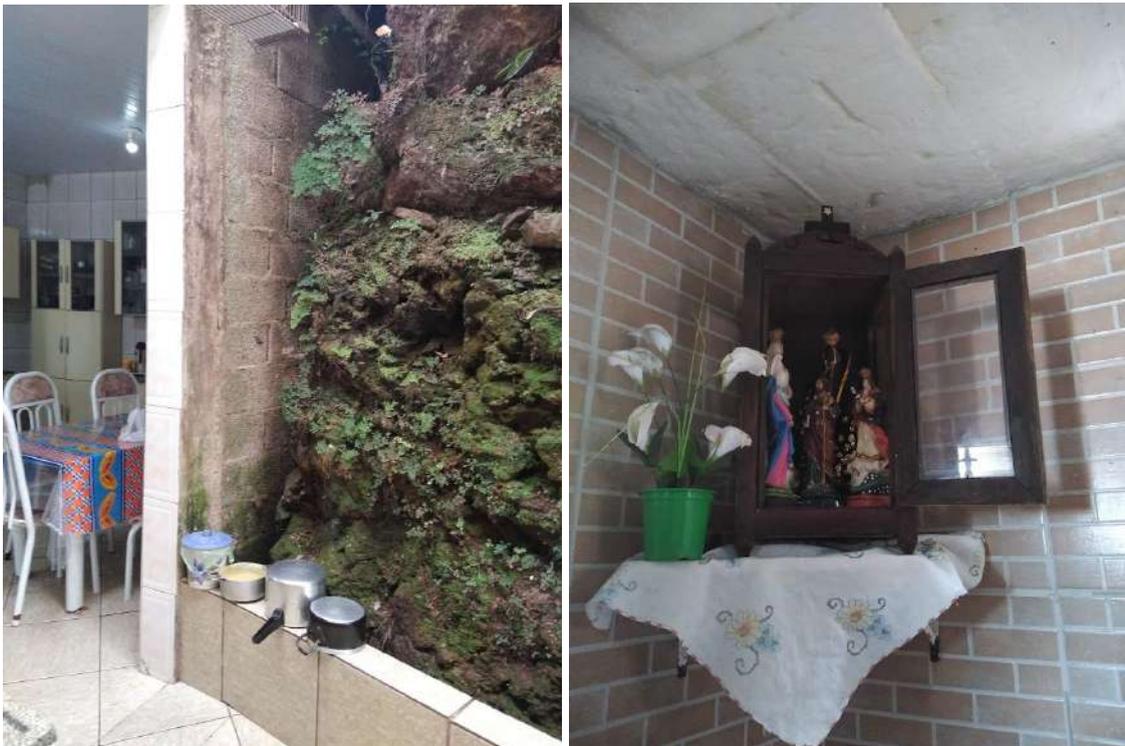


Imagem 17: Louças secando sob o rodapé construído ao lado do mundéu

Imagem 18: Oratório localizado na copa da residência

- **Relação com o bairro e moradores locais**

Sua relação com o bairro demonstrou ser extremamente afável. Em todas as visitas pode-se perceber seu convívio ativo com a vizinhança. Durante a primeira visita, enquanto eu fazia o levantamento da casa, D. Pinha estava sentada no sofá de sua sala quando foi chamada à porta frontal por uma de suas vizinhas, e lá as duas permaneceram conversando durante todo o tempo em que eu estava fazendo o levantamento.

Na segunda visita, enquanto eu a estava entrevistando, outra vizinha do bairro entrou em sua casa pela entrada lateral (que permanece totalmente aberta durante o dia) sem bater no portão ou tocar a campainha. Sentadas na mesa da cozinha, e ouvindo um pouco da conversa entre as duas, percebi que a amizade entre elas aparentava perdurar anos. Aproveitando a situação, perguntei à dona Pinha sobre sua relação com o bairro e outros moradores. Ela disse conhecer praticamente todo mundo de lá, e que todos a conheciam também, o que não é difícil de se imaginar, já que ela mora naquela casa há 56 anos. Após sua amiga ir embora, enquanto eu conversava um pouco e tirava fotos de sua casa, dois de seus netos que moram nas casas vizinhas, também entraram lá (aparentemente para ver se ela estava bem), nos cumprimentaram e foram embora. Dessa forma, pode-se perceber que mesmo que seus filhos que moram com ela não estejam lá, ela não fica sozinha em praticamente nenhum momento do dia, devido ao zelo dos moradores e familiares que residem ao seu entorno.

Pude notar em algumas visitas, que um de seus filhos que reside com ela possui uma boa relação com a vizinhança. Apesar do pouco contato, todas as vezes em que estive lá, ele estava na parte de fora da casa, conversando com os vizinhos próximo a um bar ao lado da Mina do Veloso, que mais tarde, eu viria a descobrir que pertence à um de seus irmãos. O outro morador não pude ter contato devido ao fato de ele estar em horário de trabalho nas vezes que estive presente na casa.



Imagem 19: Área externa frontal da residência, local de convívio entre os moradores do bairro
Imagem 20: Moradora sentada na sala da residência.

- **Adequação física e funcional:**

Observa-se que mesmo diante da presença do muro, foram feitas adaptações e modificações que permitiram manter a preservação e a funcionalidade dele no espaço. Vê-se a alocação de diversos objetos externos à ele, assim como as caixas d'água, as tubulações elétricas, e também a criação de um jardim em sua extremidade superior. Há também sua utilização como base para a alocação da cobertura da casa e para a estrutura da casa posterior, pertencente a um de seus filhos.

Pode-se perceber, apesar de não haver queixa da moradora, a falta de acessibilidade na residência e no restante do terreno, algo que a impede de ir até às casas dos filhos, por exemplo. A alta inclinação do terreno, que era necessária para a execução do desmonte hidráulico, fez com que a implantação de sua residência e as de seus filhos tivessem de se adaptar à sua declividade. A possível falta de recursos e informações, não viabilizou a família na construção de espaços acessíveis, criando obstáculos às pessoas com dificuldades de locomoção, como é o caso de dona Pinha, que além da idade avançada, possui problemas de saúde que dificultam sua mobilidade.

Quando questionada sobre os desejos de modificações em sua residência, dona Pinha declara ter somente um: a construção de uma área de churrasqueira na laje de sua cobertura (imagem 24), na qual pudesse reunir a família em comemorações. Visto isso, percebe-se que apesar de ser notada a necessidade de algumas melhorias na casa, como a acessibilidade e a necessidade de impermeabilização das paredes para impedir a alta umidade e os mofos, nota-se a adaptação da moradora em relação aos problemas ambientais do espaço.



Imagem 21: Vista do muro a partir da copa da casa

Imagem 22: Madeiramento do telhado integrado ao muro



Imagem 23: Objetos incorporados ao mundéu

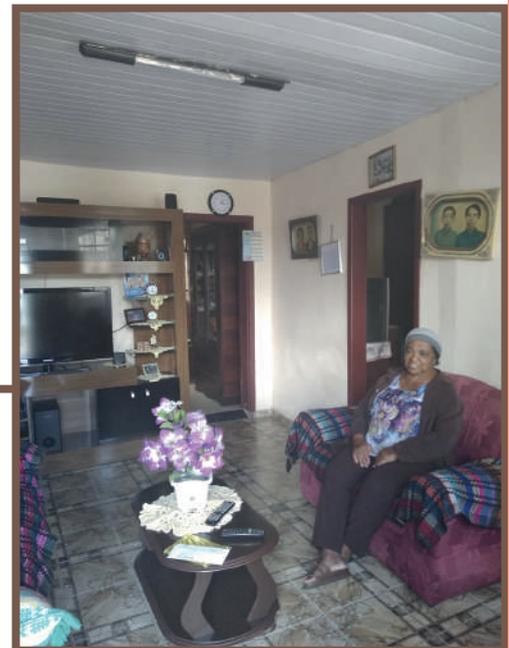
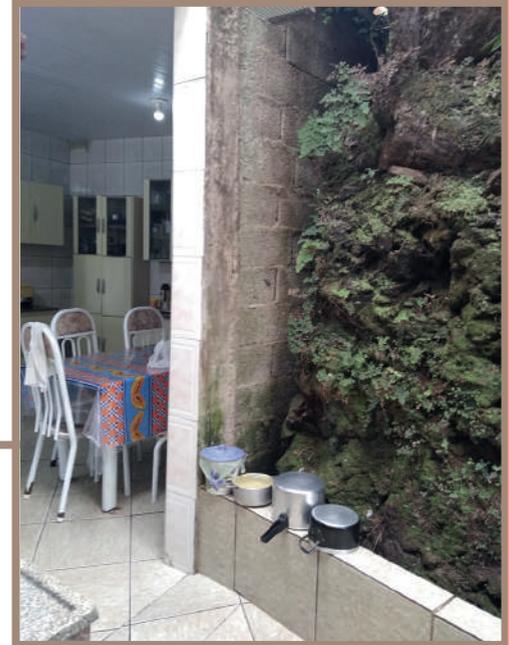
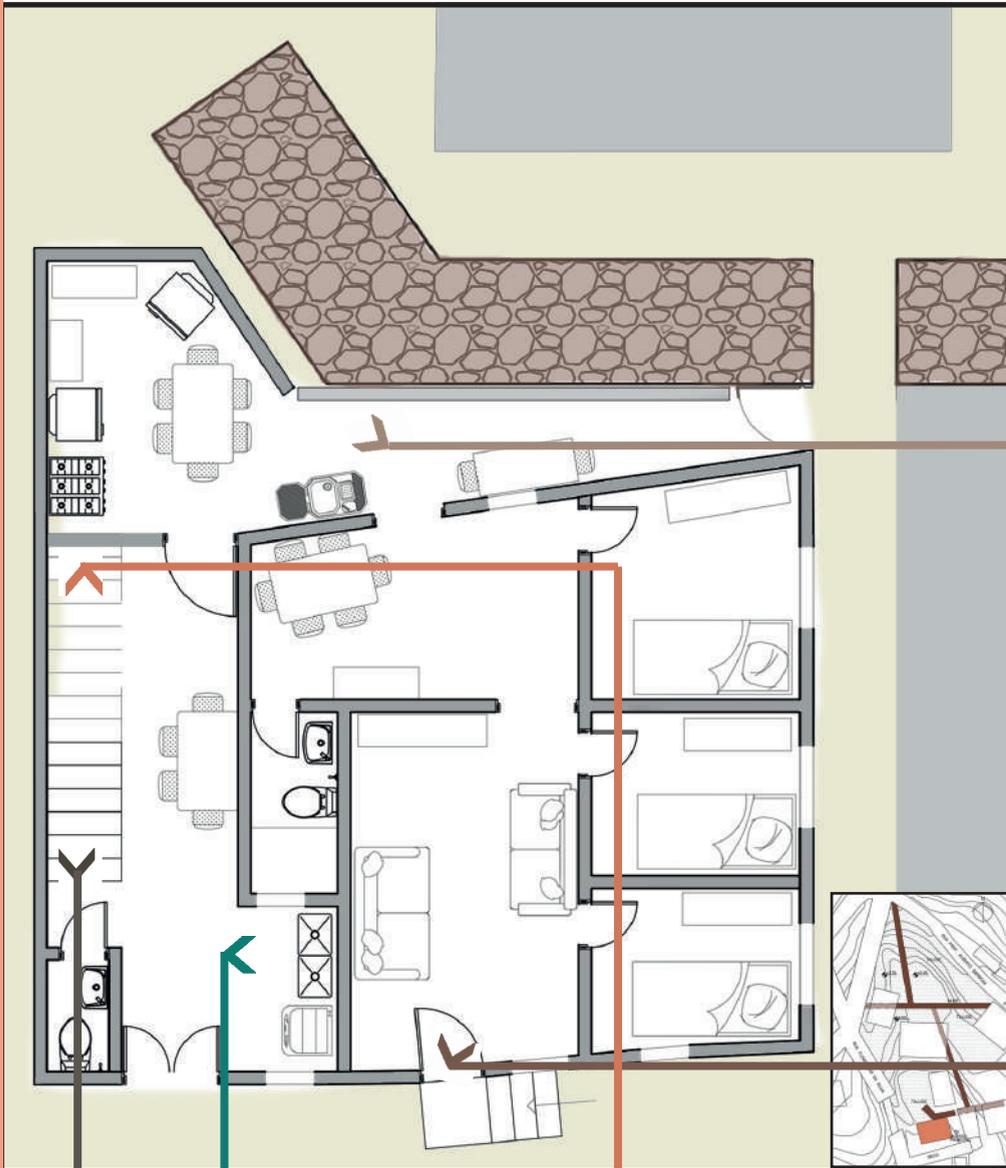
Imagem 24: Cobertura superior da residência (na qual D. Pinha deseja fazer um terraço)

- **Questões subjetivas analisadas pelo observador**

Como foi relatado pela moradora, a preservação do muro ocorreu devido ao pedido de uma pessoa externa ao seu núcleo familiar. Porém, o que levou a família mantê-lo na forma em que ele se encontra hoje, com suas texturas aparentes na parte interna da moradia, foi devido à motivos que não estão relacionados diretamente à preservação do patrimônio. Pode-se perceber, que parte dele foi ocultado por uma parede de alvenaria (onde se encontra uma parcela da cozinha) porém grande parte dele está visível, sendo dividido por apenas um rodapé de alvenaria de cerca de 40cm de altura.

O que levou a família a manter o muro exposto, mesmo a moradora relatando o fato de ele contribuir para a alta umidade da residência? Pode-se considerar o fator estético como primordial para a preservação do objeto de estudo, devido às sensações de aconchego e tranquilidade que a textura das pedras provocam nas pessoas que estão no ambiente. Os tons terrosos e a vegetação presente criam uma atmosfera agradável (nos dias quentes) e acolhedora, que pode ser percebido devido ao grande fluxo e permanência dos visitantes neste ambiente. A estrutura que remete os “muros verdes” atualmente criados em projetos paisagísticos aparenta se integrar ao ambiente de forma que se ela não pré existisse, ela seria criada pela moradora.

__CROQUI FOTOGRÁFICO



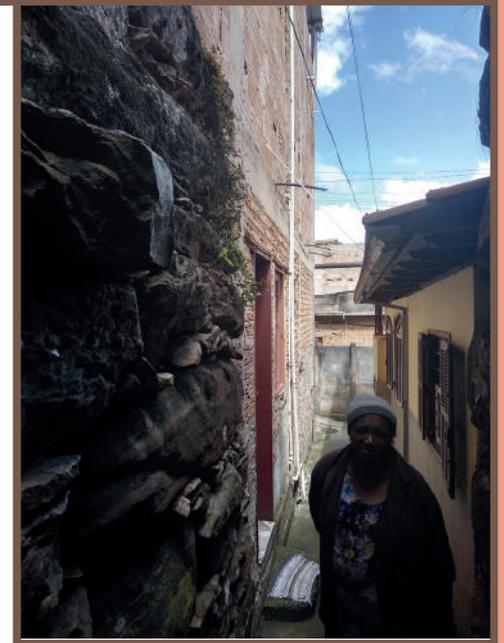
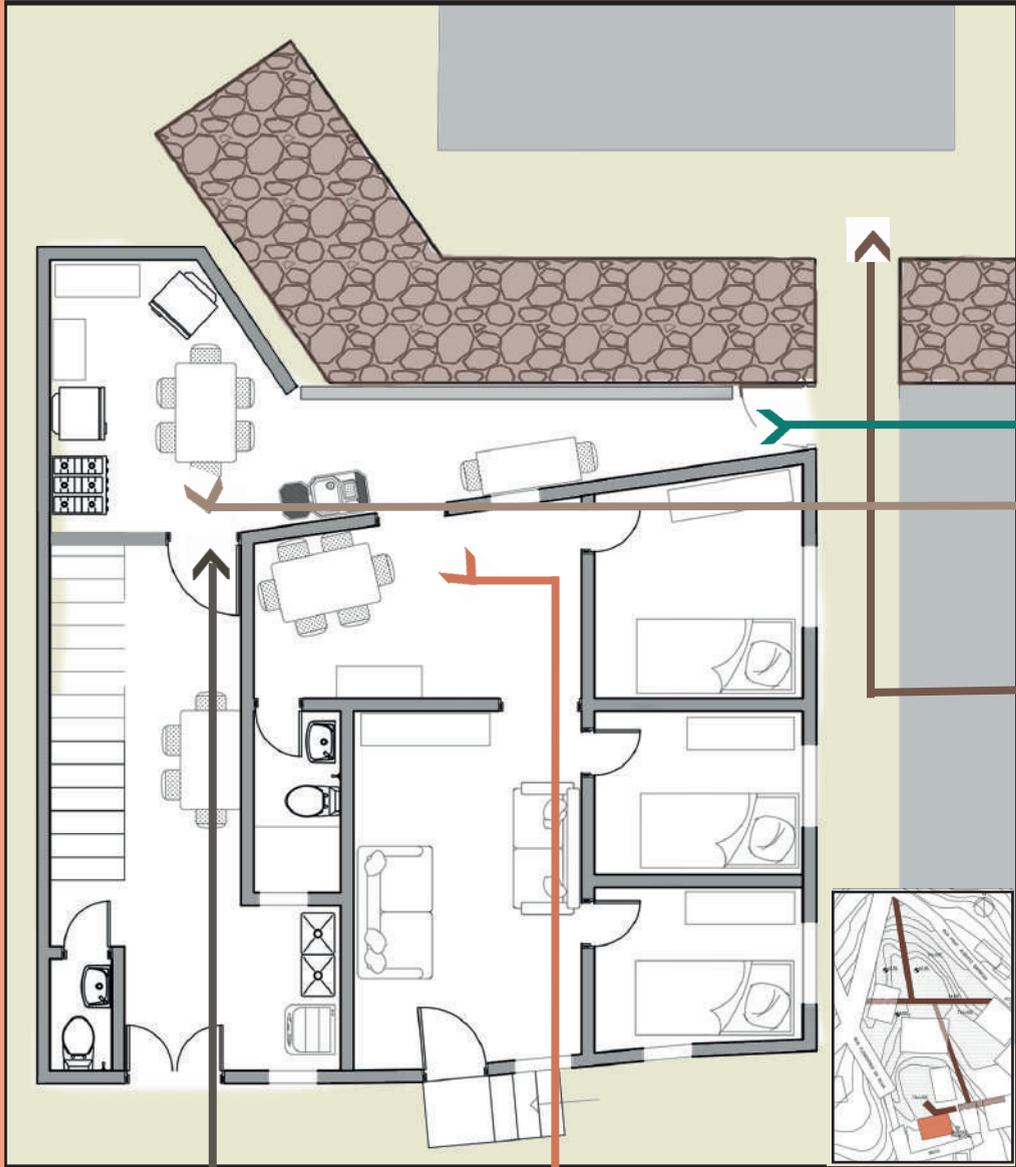
Legenda:

- Edificações vizinhas
- Áreas de acesso

Levantamento realizado em março/2018



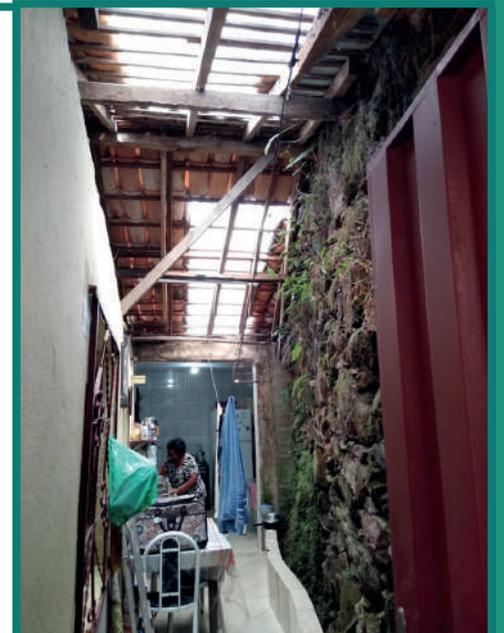
__CROQUI FOTOGRÁFICO



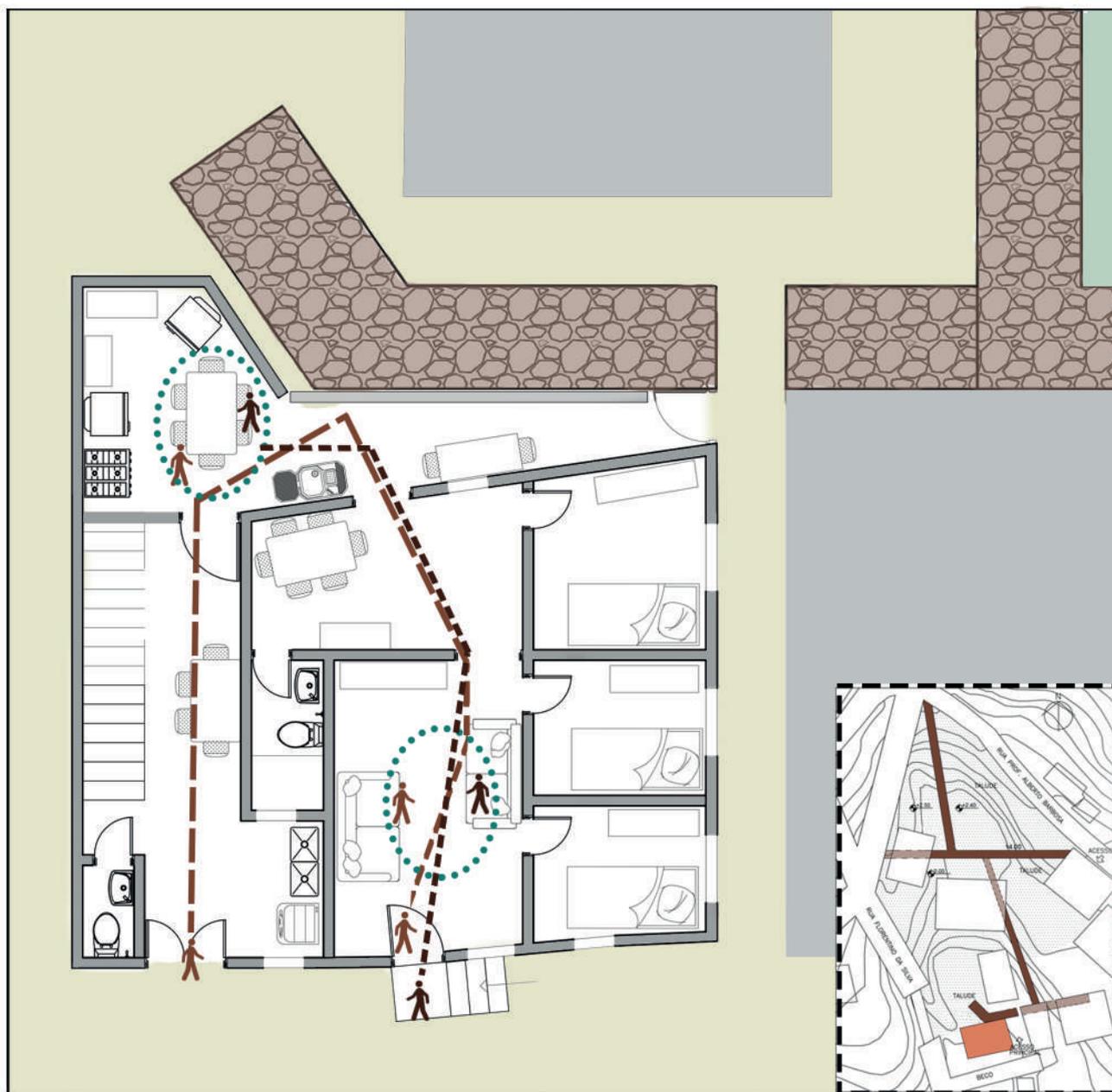
Legenda:

- Edificações vizinhas
- Áreas de acesso

Levantamento realizado em março/2018



Mapa Comportamental (Período Vespertino (14h - 15:30h))



Legenda:

- permanência/interação
- fluxo moradores
- fluxo visitantes
- visitantes
- moradores

Nota-se a grande utilização do ambiente em que se encontra o mundéu pela moradora e também por visitantes. Por se tratar de uma copa e uma cozinha, nos quais normalmente já são espaços de grande convivência na cultura nacional, é visto o grande aproveitamento da estrutura do mundéu pré-existente. É ali que a moradora cozinha e recebe seus visitantes, ambiente no qual se faz agradável para tais atos devido à iluminação natural e a presença no muro de pedras, no qual torna o âmbito úmido e fresco.

4.2 Residência 2



Ademir; 49 anos; Comerciante:

- **Breve histórico do morador no local:**

Ademir é filho de dona Pinha e mora no bairro desde o seu nascimento. Segundo ele, em torno dos seus 19 anos, resolveu construir sua própria casa para que obtivesse independência. Assim, escolheu o terreno localizado atrás da casa de seus pais para a autoconstrução, posteriormente adaptando a residência conforme houvesse a necessidade, já que anos depois ele se casou e teve três filhas. Sua casa foi construída a base de alvenaria de tijolos de forma autônoma pelo morador.

Segundo ele, parte de sua casa foi implantada em cima do mundéu que faz divisa entre a casa de sua mãe e a dele. Porém durante uma forte chuva, parte do muro desmoronou fazendo com que ele precisasse ser reconstituído com alvenaria e argamassa. Atualmente, sua residência está localizada no primeiro pavimento, sendo que o térreo é alugado para uma família externa ao seu núcleo familiar.



Imagem 25 e 26: Acesso para residência piso térreo

- **Relação com o patrimônio**

Ao ser questionado sobre sua relação com o patrimônio local, Ademir frizou nunca ter se interessado em saber o que eram aqueles muros pertencentes ao seu terreno. Perguntei o que o levou a manter praticamente toda aquela estrutura ali presente, e ele disse que foi o fato de ter sempre visto beleza nela. Afirmou que não via sentido em destruir aqueles muros nos quais já se faziam eficientes para sua funcionalidade, que era a delimitação das propriedades vizinhas e também a base estrutural de sua casa. Ainda contou mostrando alguns canteiros, que sua experiência de trabalho no Jardim Botânico de Ouro Preto o permitiu ver ali um local de grande potencial para o cultivo de suas plantas.

Ele revelou também, que após a abertura da Mina do Veloso, muitos guias turísticos passaram a levar turistas até o seu quintal para verem as estruturas arqueológicas ali presentes. Porém ele argumenta, que por vezes, os guias invadem seu quintal sem mesmo pedir autorização, trazendo consigo turistas que não se interessam em saber sobre as pessoas que moram ali. Diz ele que nunca foi perguntado sobre suas histórias pessoais no local, e que por vezes os guias contam histórias falsas e somente se interessam pelo dinheiro recebido dos turistas.

- **Ambiências na residência**

A relação dos moradores com o muro que circunda a casa de Ademir se difere da casa de dona Pinha devido ao fato de ele ser externo à residência. Assim, parte dos espaços em que ele está inserido são de passagem, e não de permanência, como pode ser visto no Mapa Comportamental (Anexo VI). Um de seus locais é o corredor de acesso às outras casas do terreno, sendo ele uma área de grande fluxo de moradores e visitantes. Apesar de ser um local de passagem, ele é excêntrico em relação às casas comuns de nosso cotidiano contemporâneo. A sensação quando se está adentrando ao terreno para alcançar às residências posteriores é a de estar chegando à um bosque, devido a atmosfera fria e úmida provocada pelas pedras do muro.

Já os outros locais em que se encontram remanescentes das estruturas de pedras no quintal do terreno de Ademir, estão cobertos por vegetação, na qual o morador se orgulha de ter e cultivar. É visto por parte dele o apreço e cuidado pelas plantas do local e a vontade de preservá-lo. Lá tem-se a sensação de estar em um jardim, na qual os muros tornaram-se estruturas praticamente invisíveis devido estarem cobertos pela vegetação. Além disso, nota-se o acúmulo de entulhos no local e também a criação de galinhas para subsistência familiar.



Imagem 27: Alocação das pedras nos muros

Imagem 28: Acesso para residências posteriores em divisa com o mundéu

- **Relação com o bairro/moradores**

Ademir nasceu e foi criado no bairro, dizendo gostar muito de lá. É ali, próximo à sua casa, que fica o seu local de trabalho atual, um bar localizado ao lado da Mina do Veloso no qual ele é proprietário. O bar o permite que ele tenha contato não só com os moradores locais, mas também com os turistas que visitam a mina, possibilitando-o ver o que ocorre nas redondezas ao decorrer do dia. Sua família, sendo a mesma de dona Pinha, está alocada ao redor de sua residência, permitindo-o também o convívio diário com ela.

- **Fatores subjetivos relacionados ao muro**

A pré-existência dos muros e a topografia do terreno não impediu a escolha do morador pelo local de construção de sua casa. Porém, a limitou em alguns pontos, podendo ser vista a implantação e os acessos inusuais se adequando à estrutura já existente.

Apesar do desconhecimento em relação ao valor histórico do mundéu, percebe-se em Ademir uma valorização afetiva em relação aos muros. Ele se refere às paredes de forma empolgada, contando sobre como era na época da construção de sua casa e nas plantas que ele pretende plantar em seu jardim. Nota-se que a circunstância principal para a preservação dos muros foi realmente a funcionalidade e o fato do morador admirar esteticamente a presença deles no local.

- **Adequação física/funcional**

O local cumpre adequadamente sua função, que é a divisão dos terrenos vizinhos e a atual a criação de plantas pelo morador. Porém, segundo relatos dele, parte do muro desmoronou durante uma forte chuva, o que implica em dúvidas em relação a estabilidade destas estruturas. Não se sabe ao certo se eles suportariam outras grandes chuvas, já que não há nenhum sistema de drenagem no terreno.

Nota-se a integração de algumas peças às pedras do mundéu, como tubulações elétricas, escadas e passarelas de acesso, a fim de contribuir com as instalações da edificação no local.

Percebe-se também uma forma de utilização que poderia ser evitada para que os mundéus ali presentes não fossem descaracterizados. A presença dos entulhos e a falta de poda da vegetação existente são um dos fatores que podem causar sua deterioração, e que poderiam ser controlados pelos moradores sem grandes perturbações.



Imagem 29: Acúmulo de entulho na lateral do terreno

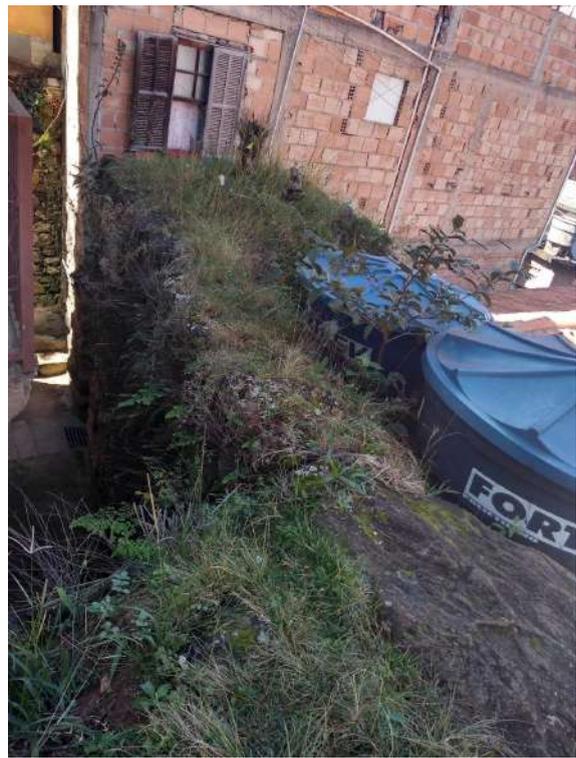


Imagem 30: Crescimento de vegetação na parte superior do muro

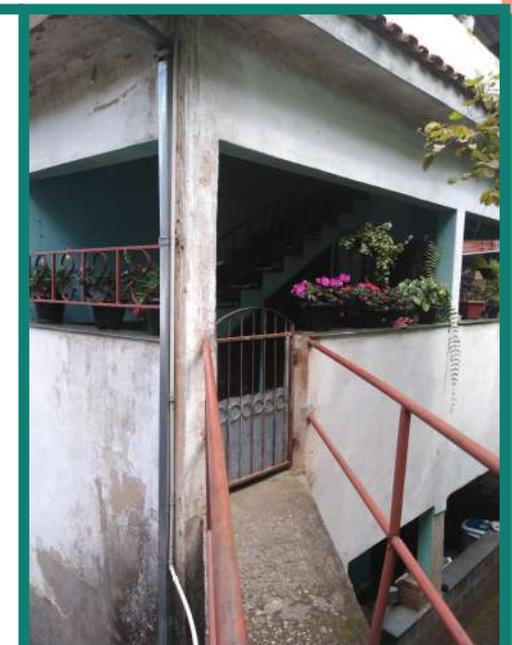
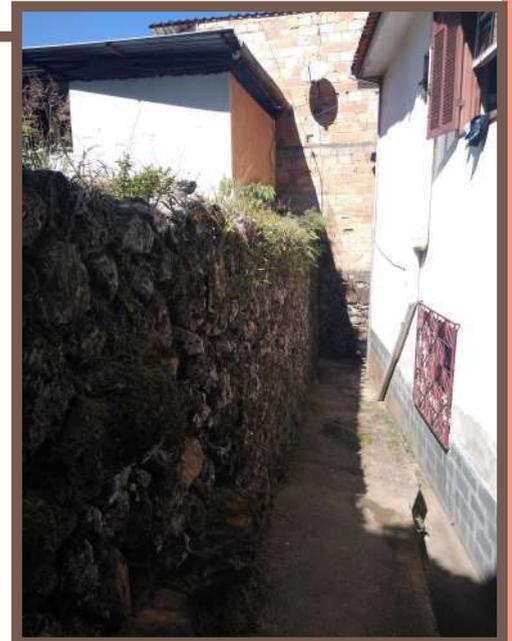
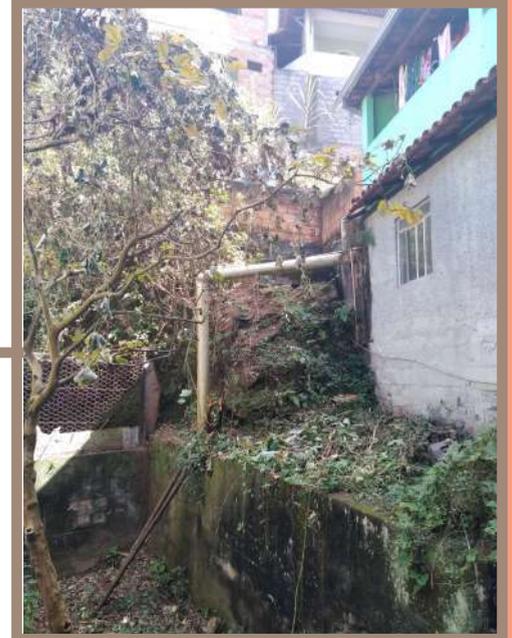
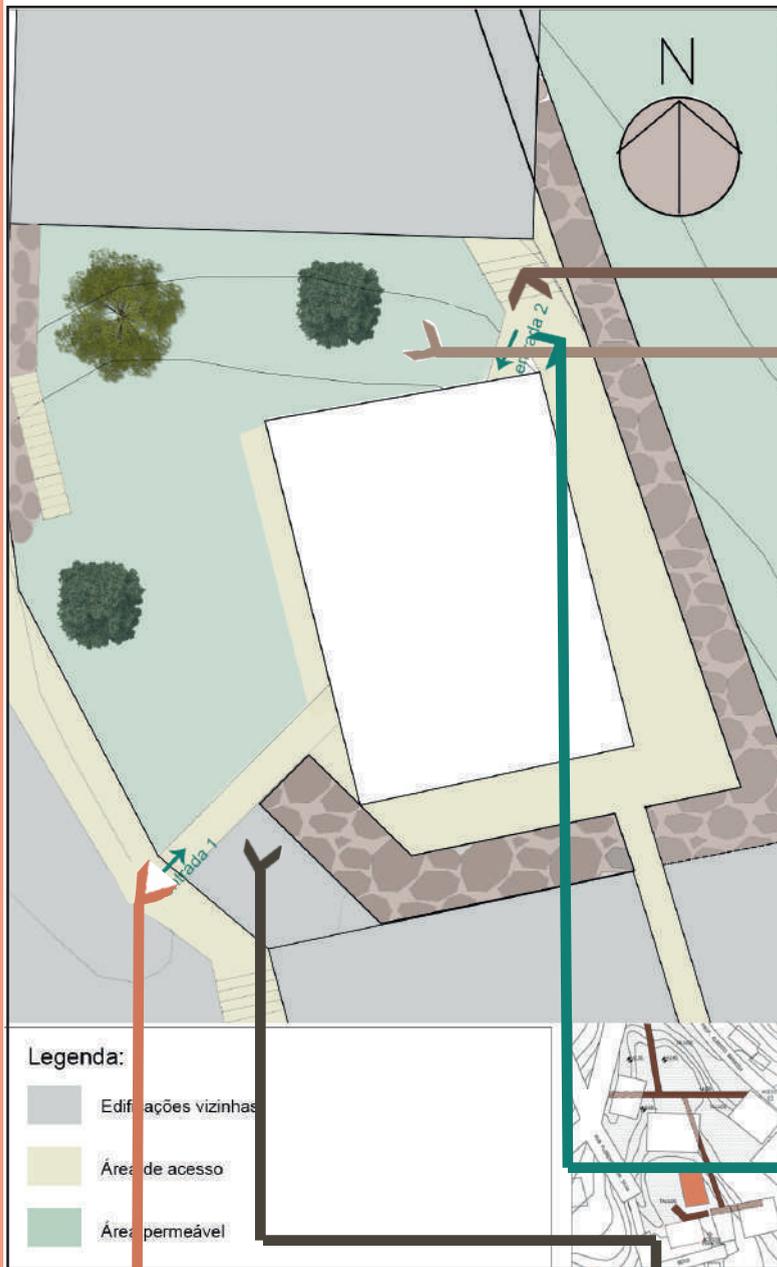


Imagem 31: Instalações elétricas presentes no mundéu

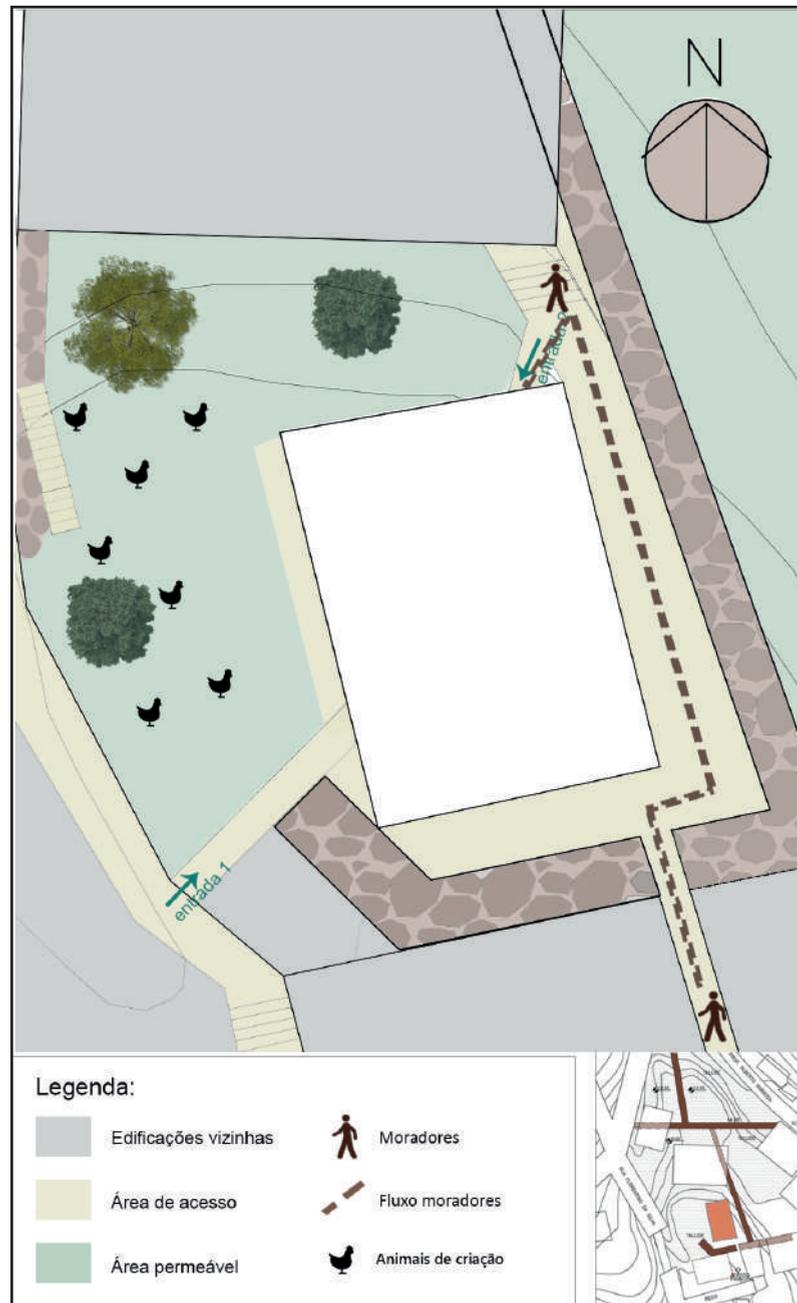


Imagem 32: Caixas d'água e outros elementos acoplados no mundéu

__CROQUI FOTOGRÁFICO



Mapa Comportamental (Período Matutino(10h - 12h))



Nota-se o grande contato dos moradores com as estruturas do mundéu, já que ele está presente em quase todo o acesso principal da entrada da residência. Percebe-se que o local possui um fluxo elevado de pessoas, pois ele também é o acesso principal para mais outras duas residências presentes no terreno, sendo elas compostas por uma média de 4 moradores cada uma. Porém é visto que a declividade, a alta umidade e a falta de equipamentos fazem do local um espaço exclusivo de passagem, inviabilizando a permanência das pessoas que poderiam melhor aproveitar o espaço existente.

4.3 Residência 3:



Janaína; 51 anos; Psicopedagoga:

- Breve histórico da moradora no local:

Janaína conta que está na casa em que ela atualmente habita há 21 anos, quando ela e o seu marido tiveram condições financeiras de comprar o imóvel próprio após deixarem o aluguel de uma casa no bairro Vila Aparecida. A escolha pelo bairro e da casa ocorreu devido ao valor disponível na época para sua aquisição, sendo que o pré requisito para a escolha da residência era a presença de um quintal. Atualmente residem ela, seu marido, três de seus cinco filhos, e uma jovem estudante como agregada.

Ela diz que ao comprar a casa, viu a necessidade da construção de uma nova área de serviço, pois a já existente apresentava problemas quando chovia. Assim, eles criaram um anexo com a nova área de serviço, juntamente com uma saída de acesso para a rua. Ao criar este acesso, o mundéu presente ao lado do local começou incomodá-la, devido a proliferação de insetos, como aranhas, o que a influenciou na demolição desta parte do muro. Juntamente com a criação do acesso, foi feita a ampliação da área da cobertura, local onde eles utilizam para estender roupas e também fazer as festas com a família e amigos.



Imagem 33: Acesso da entrada principal

Imagem 34: Vista da área de serviço ao muro de divisa de terrenos

- **Relação com o Patrimônio**

Janaína conta que quando se mudou para a casa, não fazia ideia do que eram aqueles muros de pedras. Assim, durante a reforma de expansão houve a destruição de parte dele a fim de abrir espaço ao novo acesso da casa.

Ela disse, que viria a tomar conhecimento do que eram os muros quando ela esteve no Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas, localizado no centro histórico de Ouro Preto. Lá, ela viu uma imagem na qual mostrava a região no século XVII, antes de haver ocupação residencial no bairro. Porém, ela notou a existência dos mundéus e também reconheceu que a localização era referente ao seu atual terreno. Assim, logo ela assimilou o que havia feito e sentiu o pesar de ter destruído algo de significativo valor histórico. Durante a entrevista, notava-se em sua fala e comportamento o descontentamento em relação ao que ela havia feito, lamentando-se e questionando-se o porquê de não ter sido avisada anteriormente sobre a importância daqueles muros.

Enquanto me contava sobre o caso, ela frisou o descaso da prefeitura e dos órgãos patrimoniais em relação ao ocorrido. Disse que mesmo ela sendo uma pessoa

com formação acadêmica e na qual valoriza a preservação patrimonial, não havia sido informada sobre a importância daquelas estruturas. Dessa forma, questiona o como outras populações mais escassas de acesso à informação teriam este conhecimento. Ela como professora e funcionária da Secretaria de Educação relatou que nas escolas públicas de Ouro Preto a educação patrimonial é tratada de forma muito superficial, ou por vezes, nem é lecionada.

- **Ambiências na Habitação:**

A localização do mundéu na casa não permite uma influência relevante nas vivências cotidianas da família, já que ele se situa no quintal da casa, onde os moradores raramente frequentam. Quem mais utiliza o espaço é o cachorro da família, Charlie, que tem livre acesso para aproveitar a grande área externa que o terreno possui.

O maior contato visual que os moradores possuem com o muro é ao percorrer o caminho da parte interna da casa até a área de serviço, que está localizada ao lado dele, ou também pela visualização que se tem do terraço. O distanciamento não permite a influência nas ambiências destes espaços de maior fluxo. Porém, nota-se dentro da residência, uma umidade gélida, que não se sabe se é provocada pela presença dos muros ou por outros fatores geológicos do terreno. No quintal, onde está implantado o objeto de estudo, percebe-se a inacessibilidade provocada pelos desníveis e erosões no chão de terra, o que pode ser fator principal da baixa frequência dos moradores no local.

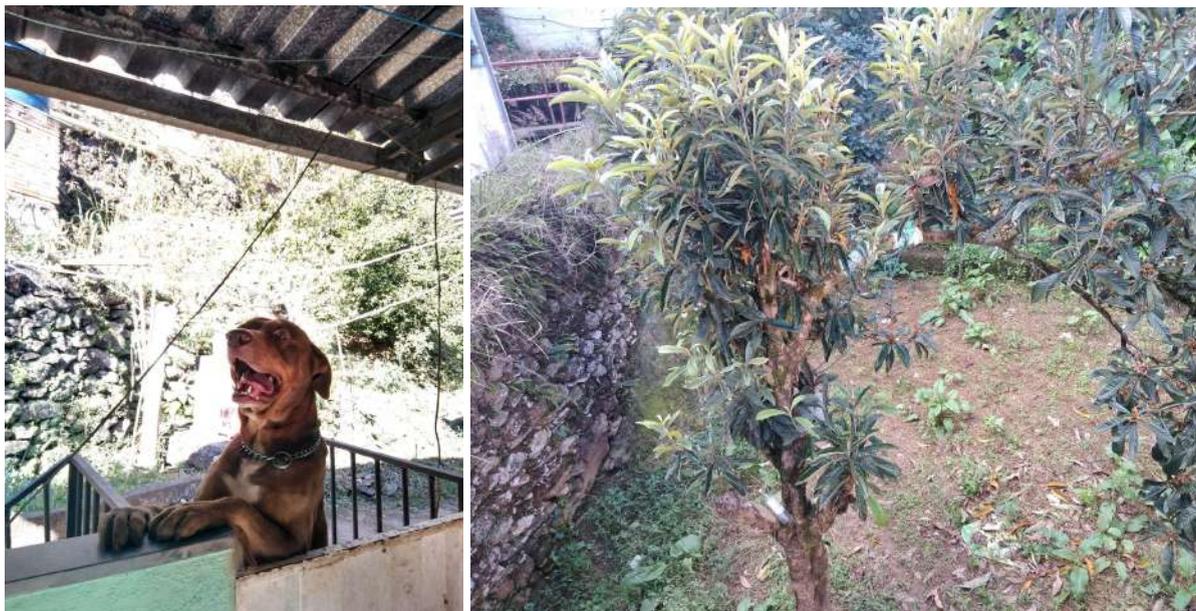


Imagem 35: Animal de estimação da família, denominado Charlie

Imagem 36: Vista superior do quintal do terreno

- **Relação com o bairro e moradores**

Janaína se refere ao bairro com muito apego e diz gostar muito de morar lá devido à disponibilidade de diversos serviços. Ela conta que não precisa deslocar-se ao centro histórico para praticamente nada, e que ali também dispõe de todas as linhas de ônibus públicos de Ouro Preto. No tempo em que esteve presente em sua residência, não pude perceber interações dela com outros moradores do bairro. Talvez o fato de ela trabalhar durante o dia, ter dois filhos pequenos e seus afazeres domésticos, cause o impedimento de ela ter tantas relações com seus vizinhos, diferentemente do que ocorre no caso de D.Pinha.

Porém, ela também relata que atualmente vem acontecendo um problema relacionado ao turismo à Mina do Veloso. Ela conta que após a abertura da Mina, muitos carros e vans de turistas começaram a entrar e estacionar no bairro, acabando com a tranquilidade da região. Assim, como as ruas são estreitas e o acesso difícil, o fluxo de carros no bairro tornou-se insuportável, principalmente aos finais de semana. Ela diz que muitos guias influenciam turistas à estacionarem em locais inapropriados, impedindo o fluxo dos carros dos moradores do bairro, e que eles são os principais causadores de tal problema.

- **Questões subjetivas analisadas pelo observador**

A residência analisada já pré existia quando a moradora se mudou para lá. Porém, não há informações sobre quem construiu ou morou na casa anteriormente, desconhecendo-se o porquê de não terem alterado os muros. Uma das possíveis causas, pode ter sido, como relatou a moradora, devido à dificuldade que se houve na demolição de parte dele. Ela conta, que quando quis fazer a reforma ao se mudar, os pedreiros ficaram dias para conseguir remover parte do muro, o que pode ter sido o fator principal para antigos moradores não o terem removido.

- **Adequação física e funcional:**

Segundo Janaína, as adaptações que ela julgava necessária já foram realizadas, que foram a construção da nova área de serviço e a destruição da parte do muro próximo ao acesso da área de serviço (Imagem 34 e 39). Ela conta que para proteger o cômodo da área de serviço da umidade, foi colocada uma manta plástica entre o muro e a alvenaria, a fim de impedir a proliferação de mofos. Porém, ela lamenta não ter feito o projeto em outra parte do terreno, sem que houvesse a destruição de parte do mundéu, dizendo que se atualmente precisasse construir algo novo, utilizaria outras partes do terreno de forma que não interferisse no patrimônio arqueológico presente.

Percebe-se também, em outras partes da casa, adaptações feitas para o impedimento de um problema que ela relatou: a ascensão de umidade pelo terreno. Assim, na sala de estar por exemplo, há revestimentos de porcelanato na parede, e no chão há pisos vinílicos, que segundo ela, melhoraram muito o conforto térmico e a diminuição dos mofos na casa.



Imagem 37: Muro de pedras utilizado como parte estrutural da casa

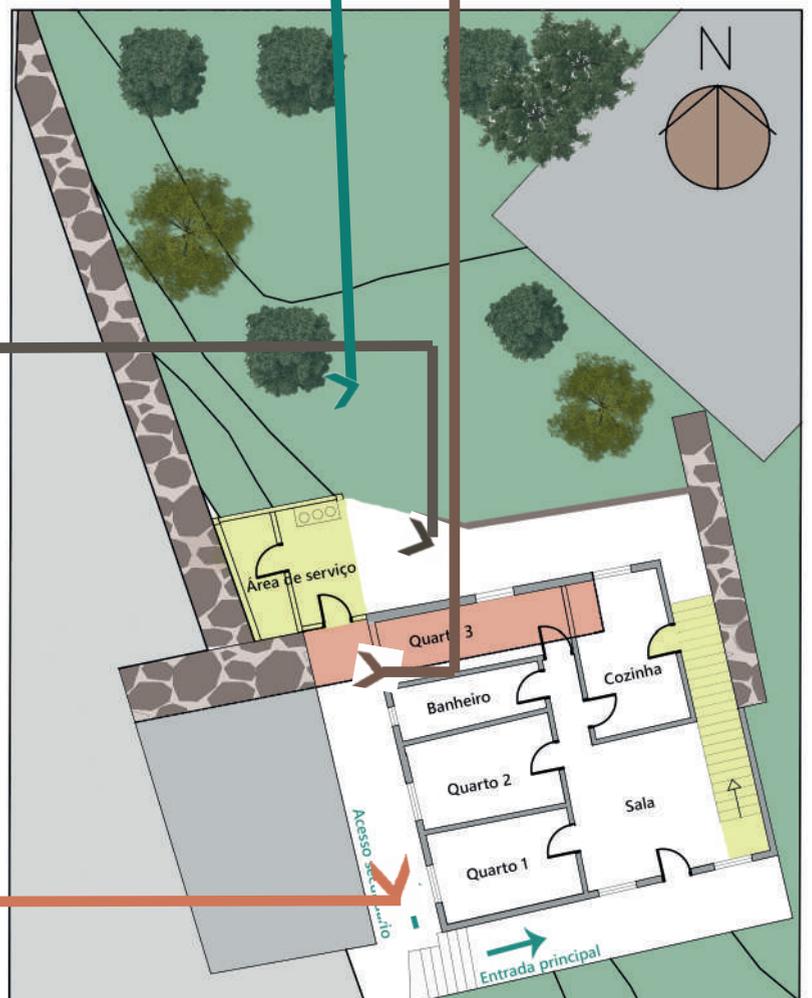
Imagem 38: Muro de pedras (não pertence ao mundéu) utilizado como divisa



Imagem 39: Local onde foi removido parte do mundéu

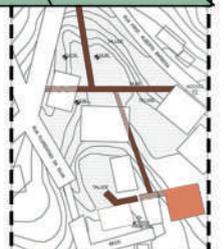
Imagem 40: Acesso lateral (entrada da área de serviço)

__CROQUI FOTOGRÁFICO

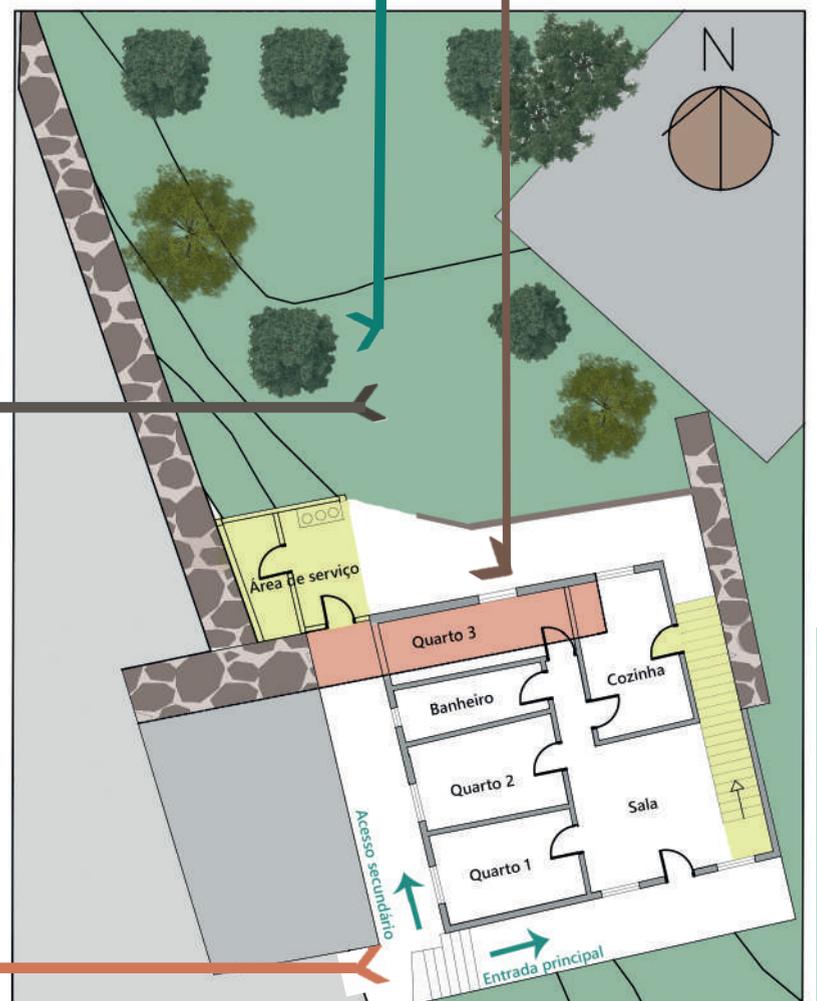


Legenda

- Edificações vizinhas
- Área construída pela atual moradora
- Muro destruído
- Área permeável

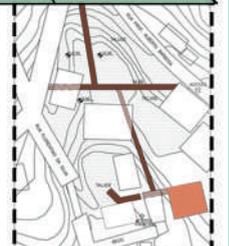


__CROQUI FOTOGRÁFICO

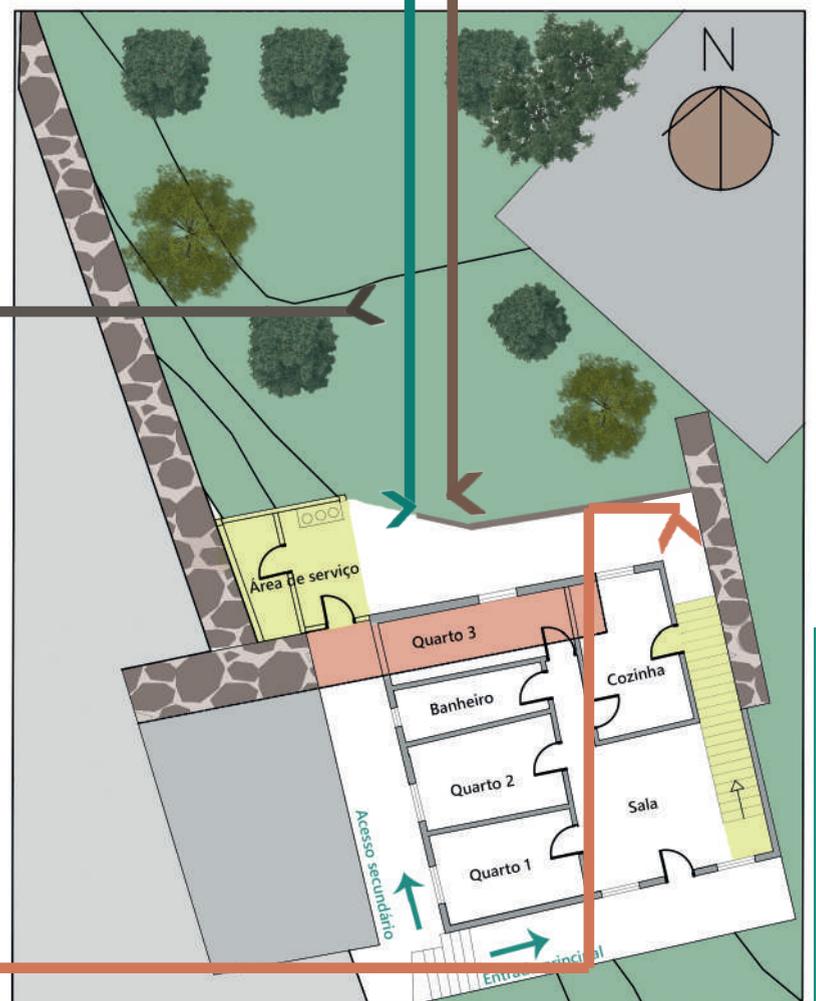
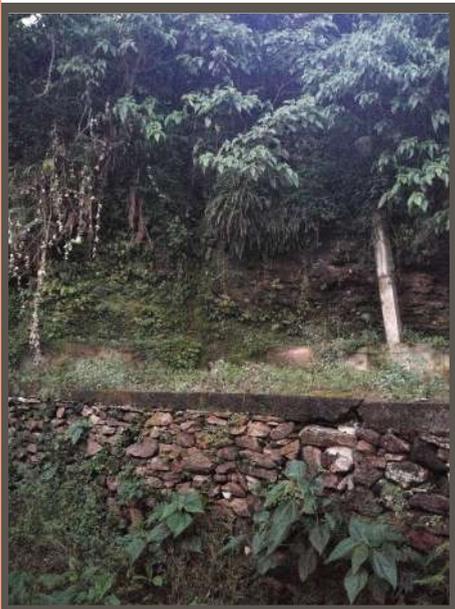


Legenda

- Edificações vizinhas
- Área construída pela atual moradora
- Muro destruído
- Área permeável

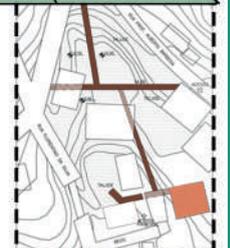


__CROQUI FOTOGRÁFICO



Legenda

- Edificações vizinhas
- Área construída pela atual moradora
- Muro destruído
- Área permeável



Mapa Comportamental (Período Vespertino (14h - 15:30h))



Percebe-se que, pelo fato de o mundo ser externo à residência, não há um convívio ativo dos moradores com a estrutura, a não ser quando se acessa a área de serviço. Apesar do distanciamento nota-se na casa, onde há maior permanência, uma umidade que talvez seja derivada da estrutura do mundo. Apesar de os moradores não acessarem tanto o espaço, o animal de estimação da família, Charlie, faz bom uso do dele, sendo o local essencial para o bem estar do cachorro.

5. Considerações Finais:

Deve-se ressaltar a importância da identificação das relações individuais com o patrimônio material, principalmente se tratando do patrimônio habitado, no qual está relacionado ao lar onde vidas inteiras foram passadas. Os mundéus do bairro São Cristóvão, apesar de ainda não possuírem interferências institucionais, já apresentam uma valorização da comunidade acadêmica regional e dos moradores que habitam o seu núcleo.

A análise histórica, social e teórica desenvolvida na revisão bibliográfica ao decorrer deste trabalho foi de suma relevância para o processo da pesquisa. É importante salientar, que a questão histórica do bairro São Cristóvão, assim como o contexto em que seus habitantes estão inseridos foram fatores essenciais para a compreensão das relações afetivas entre os moradores e o patrimônio habitado. Foi possível também, através das teorias sobre ambiências e habitação, identificar e selecionar a priori, quais seriam os métodos de pesquisa mais viáveis para as avaliações.

As metodologias de pesquisa usadas para a percepção das relações sociais e afetivas entre os moradores e o local demonstraram um êxito significativo aos objetivos e resultados esperados no trabalho. Elas foram pré estabelecidas no início da pesquisa, e não sofreram grandes alterações ao decorrer, a não ser pela inutilização do mapeamento visual no qual não foi bem aceito por parte dos participantes. Notou-se a extrema importância da participação dos moradores que se abriram cordialmente para a análise, mostrando a vivência cotidiana deles no ambiente, algo que não seria levantado pelo observador sem tal participação. Entretanto, aponta-se também a importância do caráter experiencial do pesquisador, no qual pode apontar aspectos e percepções que passam despercebidos no dia-a-dia dos residentes.

A partir disto, foi visto nas residências 1 e 2, nas quais os moradores são pertencentes do mesmo núcleo familiar, o desconhecimento em relação às questões patrimoniais. Esta desinformação pode ter origens parte pela falta de acesso à informação e parte pela falta de interesse dos próprios moradores. Porém isto não impediu a preservação dos muros, mesmo que de maneira autônoma, devido à

fatores físicos e afetivos. A dificuldade para a remoção dos muros devido ao peso das pedras pode ter sido um fator determinante para a permanência deles no local, mas o apreço estético e ambiental que os moradores possuem são fatores de destaque para tal preservação. Logo pode-se considerá-los como elementos fundamentais para a atual permanência deste patrimônio arqueológico no local, podendo ter ocorrido maiores descaracterizações ou até mesmo a remoção deles se outras pessoas tivessem ocupado a área anteriormente.

Já no caso da residência 3, pode-se perceber um maior acesso à informação e aos estudos pelo do núcleo familiar. Porém, o conhecimento referente a importância do muro ali encontrado chegou tardiamente, quando já havia ocorrido a destruição de parte dele. E apesar de os moradores da residência não demonstrarem tanto apreço estético e afetivo em relação a ele, eles os valorizam devido à sua importância histórica, o que atualmente os provocam preocupação diante de sua preservação.

Entretanto, apesar de atualmente ainda não haver uma política de preservação e valorização por parte de organizações municipais ou institucionais, deve-se ter prudência para que isso ocorra, devido ao possível desenvolvimento da exploração turística na região. Já ocorrem reclamações por parte dos moradores relacionadas ao fluxo turístico derivado da Mina do Veloso, que está localizada vizinha às residências analisadas. Segundo os moradores, os guias turísticos ali presentes não respeitam os moradores do bairro, agindo de forma invasiva e desrespeitosa, provocando também o grande fluxo de carros na região no qual atrapalha o acesso dos residentes. A partir destas reclamações é visível a necessidade de se ter preocupação no caso de tal patrimônio ser “oficialmente” valorizado, estimulando ainda mais o “*Dark tourism*” na região, podendo provocar o fim da tranquilidade e a possível desapropriação dos moradores locais.

Contudo, a partir dos objetivos e da justificativa inicial da pesquisa, pode-se perceber ao final do trabalho sua relevância para o contexto em que estes moradores estão inseridos. Nota-se que há uma relação afetiva deles com a habitação e o bairro em que residem, sendo visto os elos resistentes e duradouros que foram criados naquele local. Assim, para que haja um proposta de intervenção a fim de se preservar este patrimônio, na qual é necessária para a democratização do patrimônio regional, deve-se considerar este estudo e a realização de outros complementares, de forma

que não haja, ou seja minimizado o máximo possível, um impacto na vida destes moradores, que já sentem alguns efeitos derivados do turismo exploratório na região.

A partir destes estudos, pode-se propor futuramente métodos de preservação sem que haja necessariamente a interferência de instituições como o IPHAN ou a prefeitura. Uma das possibilidades é a elaboração de uma cartilha participativa com os moradores, visando unir suas necessidades e a preservação autônoma deste bem. Concomitante a esta cartilha, deve ser feito um trabalho de educação patrimonial na comunidade, podendo ser realizado em colaboração com a associação de moradores ali existente. E ainda que não seja possível e nem viável desestimular o turismo na região, é necessário uma maior preparação dos guias locais. Isso pode ser feito através de um treinamento de uma equipe que seja composta por moradores locais (influenciado também a geração de renda) ou no mínimo, pessoas que conheçam os moradores e as necessidades da comunidade.

5. Referencial bibliográfico:

FONSECA, M. A. da; SOBREIRA, F. G. **Impactos físicos e sociais de antigas atividades de mineração em Ouro Preto, Brasil.** Geotecnia, Lisboa, v. 92, p. 5-28, 2001. Disponível em:
<http://morrodaqueimada.fiocruz.br/pdf/4_Impactos%20fisicos%20e%20sociais%20de%20antigas%20atividades%20de%20mineracao%20em%20Ouro%20Preto_Brasil.pdf>. Acesso em: 30 set. 2018.

SOBREIRA, F. G. et al. **Divulgação do acervo arqueológico de mineração no período colonial em Ouro Preto e Mariana.** Rev. Ciênc. Ext. v.10, n.1, p.17-36, 2014.

FERREIRA, Eduardo Evangelista. **Patrimônio Mineiro na Serra do Veloso em Ouro Preto - MG;** registro, análise e proposição de circuitos geoturísticos interpretativos. 2017. 151f. (Dissertação de Mestrado em Geologia) Escola de Minas, Universidade Federal de Ouro Preto, 2017.

TEIXEIRA, Laura. **Estruturas Remanescentes da Mineração:** Registro dos mundéus do bairro São Cristóvão. 2015. 49 p. (monografia) - Escola de Minas, Universidade Federal de Ouro Preto, 2015

VASCONCELLOS, Sylvio. **Vila Rica:** Formação e desenvolvimento. 2ª edição. Brasil: Perspectiva - Vol. 100. 216 p.

FISCHER, Gustave - N. **Psicologia Social do Ambiente.** 1ª edição. Lisboa: Instituto Piaget, 1994. 216 p.

ELALI, Gleice; PINHEIRO, José. Analisando a experiência do habitar: algumas estratégias metodológicas. In: VILLA, Simone; ORNSTEIN, Sheila. **Qualidade ambiental na habitação:** avaliação pós ocupação. 2ª edição. São Paulo: Oficina de Textos, 2013. Capítulo 1: pag.15-32.

RHEINGANTZ, Paulo; RIBEIRO, Rosa. A Atuação do observador-pesquisador na avaliação da habitação. In: VILLA, Simone; ORNSTEIN, Sheila. **Qualidade ambiental na habitação:** avaliação pós ocupação. 2ª edição. São Paulo: Oficina de Textos, 2013. Capítulo 3: pag. 53-72.

KOWALTOWSKI, Doris et al. Métodos e instrumentos de avaliação de projetos destinados à habitação de interesse social. In: VILLA, Simone; ORNSTEIN, Sheila. **Qualidade ambiental na habitação:** avaliação pós ocupação. 2ª edição. São Paulo: Oficina de Textos, 2013. Capítulo 7: pag. 149-179.

TOLEDO, Ulpiano. O campo do patrimônio cultural: Uma revisão de premissas. In: **I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural : Sistema Nacional de Patrimônio Cultural** : desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão, Ouro Preto/MG, 2009 / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; coordenação, Weber Sutti. -- Brasília, DF : Iphan, 2012. pag: 127-136.

MOASSAB, Andréia. O patrimônio arquitetônico no século 21: Para além da preservação uníssona e do fetiche do objeto. **Revista Digital do Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História**, n. 02. Foz do Iguaçu, Unila, 2013, p. 23-39. disponível em:
<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/17.198/6307> acesso em: 10/11/2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. Sistema de Bibliotecas e Informação. **Guia para normalização bibliográfica de trabalhos acadêmicos**. Ouro Preto, 2017. Disponível em: <<http://www.repositorio.sisbin.ufop.br/>>. Acesso em: 22/11/2018

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO, ARTÍSTICO E NACIONAL. **Com recursos do PAC Cidades Históricas, 22 chafarizes em Ouro Preto (MG) são restaurados**. Disponível em:
<<http://portal.iphan.gov.br/mg/noticias/detalhes/3577/com-recursos-do-pac-cidades-historicas-22-chafarizes-em-ouro-preto-mg-sao-restaurados>> acesso em: 25/10/2018

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO, ARTÍSTICO E NACIONAL. **PORTARIA Nº 312, DE 20 DE OUTUBRO DE 2010**. Disponível em:
<http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Portaria_n_312_de_20_de_outubro_de_2010.pdf> acesso em: 23/10/2018

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO, ARTÍSTICO E NACIONAL. **Centro Histórico de Ouro Preto**. Disponível em:
<<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/30>> acesso em: 20/10/2018

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO, ARTÍSTICO E NACIONAL. **Salvaguarda do patrimônio – Ouro Preto-MG**. Brasília, DF: IPHAN / Programa Monumenta, 2008. 96 p. Disponível em:
<http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Salvaguarda_do_Patrimonio.pdf>
Acesso em: 23/10/2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. Sistema de Bibliotecas e Informação. **Guia para normalização bibliográfica de trabalhos acadêmicos**. Ouro Preto, 2017. Disponível em: . Acesso em: colocar a data de acesso.

